A NOSSA HISTÓRIA

A saga da família Kreutzfeldt em terras mineiras e paulistas

MAXIBOOK

2022

A NOSSA HISTÓRIA

A saga da família Kreutzfeldt em terras mineiras e paulistas

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Quartier, Sidinei
A nossa história : a saga da família Kreutzfeldt em terras mineiras e paulistas / Sidinei Quartier. -- 1. ed. -- Ribeirão Preto, SP : Ed. do Autor, 2021.

Bibliografia.
ISBN 978-65-00-36346-3

1. Biografia 2. Família Kreutzfeldt - História 3. Famílias - História - Brasil 4. Genealogia 5. Histórias de vidas 6. Imigração alemã - Brasil - História 7. Relatos pessoais I. Título.

21-93875 CDD-920

Índices para catálogo sistemático:

1. Familias : Biografia 920

Aline Graziele Benitez - Bibliotecária - CRB-1/3129

1ª Edicão

Sidinei Quartier
Texto e Pesquisa

Regina M. Croisfelt
Pesquisa, Mapas e Fotos

Andrei Croisfelt e Camila Cordeiro
Capa

Camila Cordeiro
Ilustração da Capa

Rosivaldo A. Santos
Projeto Gráfico

UMA EXPLICAÇÃO NECESSÁRIA

A principal razão de registrar essas memórias foi a de resgatar a iniciativa e a perseverança da nossa base familiar e mostrar às novas e futuras gerações como tudo começou e o que fizemos até agora. E que a caminhada dos antepassados em solo brasileiro, iniciada em 25 de junho de 1858, eventualmente possa servir de alento, esperança e orientação para todos.

UM AGRADECIMENTO ESPECIAL

A produção desse livro só foi possível graças à ajuda de muitos que dividiram suas lembranças com Regina Maria Croisfelt, infatigável em sua busca por detalhes perdidos. Ao longo de mais de um ano, em tempo de pandemia, ela pesquisou e consultou parentes próximos e distantes pelo telefone e com a ajuda das ferramentas de que dispomos, como o whatsapp e Internet.

A busca pelas informações chegou ao núcleo de onde começou a saga da família, em Juiz de Fora (MG), e que poderiam ter sido melhor apuradas e detalhadas com visitas pessoais, não fosse o vírus que se instalou entre nós em março de 2020. Impedidos os deslocamentos, nos restou a resiliência para levantar dados, tirar dúvidas e confirmar fatos, pacientemente, além das transmitidas via oral, ao longo dos anos. Nossas mensagens e inquietações chegaram aos consulados da Dinamarca e Alemanha, sem obter as respostas desejadas.

É preciso também registrar o agradecimento da família ao jornalista Sidinei Quartier, pela colaboração prestimosa. Além de ajudar muito nas pesquisas, foi ele quem transformou as infor-

mações e recordações passadas pelos Croisfelt em texto fluente, eivado principalmente de emoção e o que foi possível de humor. Sua bagagem cultural, de jornalista de raiz, foi determinante para que muitos impasses fossem solucionados. Buscou entrelaçar a caminhada dos nossos familiares no contexto da história do Brasil e do mundo, realçando os grandes fatos ao nosso dia a dia. Esperamos ter cumprido razoavelmente o objetivo de produzir um modesto livro que narra nossa história de 163 anos – de 1858 até 2021. A incumbência do registro familiar, em verso e prosa, a partir de agora, caberá às gerações talentosas e de Espíritos solidários que já estão entre nós e que, com a graça de Deus, continuarão chegando. Obrigado!

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1
UM CHEIRO DE PÃO.....11

CAPITULO 2
PADRE JUQUINHA, O BEM-AVENTURADO 13

CAPITULO 3
A GRANDE VIAGEM DOS KREUTZFELDT..... 15

CAPÍTULO 4
ONDE TUDO COMEÇOU..... 17

CAPÍTULO 5
A VIAGEM NO RHEIN..... 21

CAPÍTULO 6
POR QUÊ JUIZ DE FORA E MARIANO PROCÓPIO 25

CAPÍTULO 7
A INAUGURAÇÃO DA ESTRADA 27

CAPÍTULO 8
NASCE HENRICH KREUTZFELDT..... 29

CAPÍTULO 9
A FAMÍLIA SCHIMIDT E OS KREUTZFELDT 31

CAPÍTULO 10
OS ITALIANOS ENTRAM NA HISTÓRIA 35

CAPÍTULO 11
O ENCONTRO DE PEDRO ALEMÃO E MARIA 39

CAPÍTULO 12
PERSEGUIÇÃO: CROISFELT POR CAMPOS 43

CAPÍTULO 13
SURGE O "NOVO" BRASILEIRO..... 47

CAPÍTULO 14
1939: ALEMÃES SÃO PRESOS NO BRASIL 49

CAPÍTULO 15
1942: ITALIANOS TAMBÉM SOFREM COM A GUERRA..... 51

CAPÍTULO 16
VOLTEMOS A FRANCA, 1918 53

CAPÍTULO 17
O ENCONTRO DAS FAMÍLIAS CROISFELT E GANZAROLI 59

CAPITULO 18
O CASAMENTO DE ALCINDO E APARECIDA GANZAROLI 61

CAPÍTULO 19
TIO GILDO E TIA AURORA ABREM
SUCESSÃO DE CASAMENTOS 65

CAPÍTULO 20
A VIDA DE ALCINDO E APARECIDA 73

CAPITULO 21
VICENTE NO SEMINÁRIO MARIA IMACULADA 81

CAPITULO 22
SETE CRIANÇAS DO AMOR 85

CAPÍTULO 23
TEMPOS DIFÍCEIS COM MORTE E MUDANÇA 89

CAPÍTULO 24
EZELINDA BRILHA NA TEVÊ E É MANCHETE 95

CAPÍTULO 25
VICENTE TROCA O SEMINÁRIO PELA ECONOMIA DA USP..... 99

CAPÍTULO 26
AS AVENTURAS DE VERICONDO
E DOMINGOS EM SÃO PAULO.....105

CAPÍTULO 27
A MUDANÇA PARA RIBEIRÃO PRETO 109

CAPÍTULO 28
A VISITA SURPRESA DO FILHO, NO MEIO DA NOITE 111

CAPÍTULO 29
CHEGAM AS PRIMEIRAS NETAS 115

CAPÍTULO 30
CLARISSA NASCE NA CIDADE DO PANAMÁ 117

CAPITULO 31
O CASAMENTO DE CÉLIA E OSMAR 123

CAPÍTULO 32
CLAUDINHA E ISABELLA FECHAM CICLO DOS NETOS 129

CAPÍTULO 33
BODAS DE OURO DE APARECIDA E ALCINDO..... 135

CAPITULO 34
2003: CHEGAM OS BISNETOS. NÃO PERCA AS CONTAS!..... 137

CAPÍTULO 35
TRUCO, PEDAL, PESCARIA E CERVEJA 145

CAPÍTULO 36
A DOR DAS DESPEDIDAS. MORREM ALCINDO,
MARLI, APARECIDA 151

CAPÍTULO 37
CLARISSA É O NOSSO OLHAR! 153

CAPÍTULO 38
SOBREVIVER 155

AGRADECIMENTOS.....159

UM CHEIRO DE PÃO

Quem anda hoje por Juiz de Fora, Minas Gerais, ainda pode sentir, vindo do bairro Borboleta, o cheiro característico do bem imaterial mais popular da cidade: o crocante e delicioso pão alemão, trazido pelos emigrantes, em 1858. Hoje pelo menos um por cento da população de 500 mil habitantes ainda vive nesse reduto, que tem uma forte associação cultural com uma festa tradicional, só cancelada pela pandemia do coronavírus. E justamente quando já se prepara a festa do bicentenário da imigração alemã, em 2024. Queira Deus, já livres da pandemia. Em Juiz de Fora começa a história brasileira dos Kreutzfeldt.

PADRE JUQUINHA, O BEM-AVENTURADO

O achado dos documentos e relatos da chegada dos imigrantes alemães à então Santo Antônio da Paraibuna (atual Juiz de Fora), em 1858, deve-se aos esforços e perseverança do pesquisador e historiador Roberto Dilly, 65 anos, e a um padre senil, conhecido como Juquinha, num dos seus raros momentos de lucidez, certamente inspirado pelo Alto.

Ex-presidente e membro do Instituto Teuto-Brasileiro William Dilly, ainda menino, conheceu Luiz José Stheling, autor do livro "Juiz de Fora, a Estrada União e Indústria e os Alemães", que tinha como meta em vida, descobrir o nome de todos os alemães que vieram para a cidade. Stheling morreu sem realizar seu sonho e coube a Roberto Dilly intensificar a busca.

Durante 15 anos, semanalmente, ele visitou a Igreja da Glória, construída pelos imigrantes, para analisar documentos como certidão de nascimento, de casamento e óbito. Tinha feito progressos, quando, em 1980, um padre, vestindo pijama, entrou correndo na pequena sala onde trabalhava, perseguido por um enfermeiro. Atarantado, o padre pediu que o livrasse do algoz que o prendia e aplicava injeções doloridas. Olhando os papéis sobre a mesa, padre Juquinha perguntou se ele estava fazendo as lições de casa. "Não, eu estou escrevendo sobre os alemães", respondeu. Então, num momento de clareza, padre Juquinha disse. "Os alemães? Sabe a torre da igreja, onde tá o sino? Lá eu escondi um monte de documentos dos alemães na guerra. Tá tudo escondido lá".

Roberto teve que fazer enorme esforço para controlar a ansiedade. Assim que o enfermeiro deixou a sala, levando Juquinha

pela mão, saiu em busca do responsável pela igreja e relatou a novidade. Afoito, pediu para ser autorizado a subir na torre, o mais rápido possível. Superando o seu medo de altura, ele achou escondidos debaixo da janela mais alta, documentos originais escritos em alemão, a grande maioria destruída pela chuva. Entre esses papéis estava um embrulho, enrolado em jornais, coberto de lodo. Lá dentro, intacto, encontrou o livro com o registro dos cinco veleiros – Tell, Rhein, Gundela, Gessner e o Onsabruck – com todos os 1.193 passageiros com nome, sobrenome, idade, cidade de origem, estado, profissão para a qual tinham sido contratados, profissão anterior, quantas pessoas da família estavam juntas, seguido do nome da esposa e dos filhos, em ordem decrescente. Nesse livro, Roberto fez outra grande descoberta, a presença de austríacos na imigração. Até então acreditava-se que só alemães tinham chegado a Juiz de Fora. Nós, descendentes de alemães, agradecemos a dedicação de Roberto Dilly e a intuição do padre Juquinha de proteger os documentos da sanha de xenófobos.

A GRANDE VIAGEM DOS KREUTZFELDT

Natural do Holstein (hoje Schleswig-Holstein), a família Kreutzfeldt veio para o Brasil, especificamente para a cidade de Juiz de Fora, Minas Gerais, no ano de 1858, contratada pela Companhia União e Indústria. A viagem foi feita a bordo do veleiro "Rhein", sob o comando do Capitão W. Bester, que saiu de Hamburgo em 22 de abril de 1858 e chegou ao porto do Rio de Janeiro no dia 25 de junho de 1858, levando, portanto, 65 dias para atravessar o Atlântico. Nesta barca emigraram os seguintes membros da família Kreutzfeldt:

Imigrante nº 144 – **Hans Christian Jürgen Kreutzfeldt (contratado):** nascido em 20 de fevereiro de 1823, em Bocksee, Holstein (hoje Schleswig-Holstein). Agricultor e sapateiro, de religião luterana, chegou ao Brasil com 35 anos de idade.

Imigrante nº 145 – **Magdalena Dorothea Delfs (esposa):** nascida em 04 de agosto de 1823 em Rumohr, Holstein (hoje Schleswig-Holstein). Luterana, chegou ao Brasil com 35 anos.

Imigrante nº 146 – **Anna Maria Christine Kreutzfeldt (filha):** nascida em 07 de março de 1847 em Rumohr, Holstein (hoje Schleswig-Holstein). Luterana, chegou com 11 anos.

Imigrante nº 147 – **Sophia Magdalena Kreutzfeldt (filha):** nascida em 28 de abril de 1849 em Bocksee, Holstein (hoje Schleswig-Holstein). Luterana, chegou com 09 anos.

Imigrante nº 148 – **Hans Christian Friedrich Kreutzfeldt (filho):** nascido em 20 de fevereiro de 1851 em Bocksee, Holstein (hoje Schleswig-Holstein). Luterano, chegou com 07 anos.

Imigrante nº 149 – **Johann Heinrich Christian Kreutzfeldt (filho):** nascido em 15 de setembro de 1853 em Bocksee, Holstein

(hoje Schleswig-Holstein). De religião luterana, chegou com 04 anos e meio.

Imigrante nº 150 – **Maria Christina Kreutzfeldt (filha)**: nascida em 27 de abril de 1856 em Bocksee, Holstein (hoje Schleswig-Holstein). Luterana, chegou com 02 anos.

O imigrante a seguir (nº 151) veio para o Brasil sem esposa ou filhos sob seu contrato. É provável que fosse irmão ou primo de Hans Christian Jürgen Kreutzfeldt (é necessário aprofundar nas pesquisas para tentar localizar esta informação):

imigrante nº 151 – **Claus Heinrich Ehbert Kreutzfeldt (contratado)**: nascido em 06 de março de 1816 em Kirchbarkau, Holstein (hoje Schleswig-Holstein). Agricultor, de religião luterana, chegou ao Brasil com 42 anos de idade. Faleceu em 09 de dezembro de 1860.

INSTITUTO TEUTO-BRASILEIRO WILLIAM DILLY Av. Getúlio Vargas nº 455/ 3º andar – 36010-110 – Juiz de Fora (MG) coloniaalemajuizdefora@gmail.com

ONDE TUDO COMEÇOU

Alemanha Unificada, período de 1871 a 1918.

Originalmente, Holstein-Stormarn (número 6 no mapa) e Schleswig (número 11) existiam como dois sítios políticos independentes em território da Dinamarca. Os dois ducados eram ligados por laços familiares à coroa dinamarquesa. A população se dividia entre dinamarqueses e germânicos. Era lá que viviam os Kreutzfeldt, os Delfs, os Schulz e os Appel. Em 1858, as famílias citadas decidiram aceitar o convite de vir para o Brasil, colaborar na construção de uma estrada importante.

Enquanto os imigrantes labutavam no Brasil, o mapa da região em que nasceram, sofria mudanças. Holstein e Schleswing permaneceram sob controle dinamarquês até a Prússia e a Áustria tomá-los pela força em 1864. Em 1866, a Áustria cedeu à Prússia o domínio de Holstein e Schleswing. Em 1867, os dois ducados tornaram-se província prussiana, anexada à Confederação da Ale-

manha do Norte, que em 1871 foi substituída pelo Império Alemão, tornando-se um Estado da Alemanha unificada. Hoje, após pesquisas, é que podemos verificar a nossa origem e proximidade com os dinamarqueses. Carregamos cultura viking em nossa ancestralidade? Não sabemos. O que sabemos é que, infelizmente, não somos reconhecidos. O consulado da Dinamarca se recusa a conversar sobre o tema. A Alemanha alega que a unificação ocorreu quando não vivíamos mais lá. Até os dias que correm, nenhuma família que embarcou em Hamburgo, em 1858, para construir a Estrada União e Indústria, obteve a cidadania alemã.

A GRANDE AVENTURA: VAMOS PARA O BRASIL

É Primavera! Com o tempo propício para navegação, no amanhecer de 22 de abril de 1858, o sapateiro Hans Christian Jurgen Kreutzfeldt, 35 anos, e Magdalena Dorothea Delfs, 35 anos, com os filhos Anna 11, Sophie 9, Christian 7, Johann 4 e Maria 2, embarcaram no porto de Hamburgo, Alemanha, com destino ao Brasil.

Os Kreutzfeldt, assim como outras famílias, fugiam de grave crise econômica, provocada pelas guerras conduzidas por Napoleão Bonaparte, que minaram os recursos da Europa central. Não havia trabalho e a comida, no prato dos trabalhadores, era escassa.

Alemães e austríacos, interessados em fazer a vida na Nova América, viajaram em cinco veleiros, cujo nome vale a pena repetir: Tell, Rhein, Gundela, Gessner e Osnabruck. Cada grupo navegou a seu tempo e, em seis meses, todos estavam no Brasil, desembarcados no porto do Rio de Janeiro. Mais de mil emigrantes! Eles chegaram sob contrato e promessas para ajudar na construção da estratégica Estrada União e Indústria, que facilitaria o escoamento da safra de café do interior de Minas até Petrópolis (RJ).

O Brasil de então tinha população estimada de nove milhões de habitantes. A maior Província era a de Minas Gerais, com dois milhões e novecentos mil moradores. A Bahia reunia um milhão e

trezentas mil almas, a população da Província de São Paulo beirava os oitocentos mil e o Rio tinha próximo de 750 mil.

Em 1858, era inaugurado no Rio o primeiro trecho da Estrada de Ferro D. Pedro II, que viria a ser conhecida como Central do Brasil, ligando a Estação Aclamação e a Freguesia de Conceição de Marapicu, em Nova Iguaçu, num total de 48 quilômetros. Ribeirão Preto tinha dois anos de existência e seus poucos moradores se aglomeravam com o gado, cavalos, galinhas e porcos em torno do marco zero do povoado, onde hoje está o chafariz, na praça XV de Novembro. Em Londres, era fundido o sino que se tornaria o símbolo da Inglaterra, o Big Ben, o relógio mais famoso do planeta.

A VIAGEM NO RHEIN

Desenho do Interior das barcas (Almanaque História de Juiz de Fora (MG)

A travessia do Atlântico, a bordo do veleiro Rhein, durou 65 dias. O interior da barca, de quase 24 metros, tornou-se o reduto de 184 imigrantes, entre eles oito Kreutzfeldt. Enfrentaram tempestades, rezaram contra naufrágios e viveram dramas pessoais. Ajudaram-se, envolveram-se em discussões, mas permaneceram sensíveis ao rígido regulamento marítimo, que alertava contra excessos. Água doce, transportada em barris e racionada, só podia ser usada para beber.

Como o banho de água salgada era impróprio, os passageiros só molhavam o corpo, mesmo assim vestidos, durante as chuvas leves. Quando a tempestade se anunciava, abrigavam-se na entrecoberta e as escotilhas, por onde entrava a brisa do mar, eram fechadas. Os passageiros sofriam com o calor e o ar viciado de odores desagradáveis que emanavam da embarcação. Vômitos provocados por enjoos eram rotineiros.

A alimentação, longe de ser farta, tinha qualidade duvidosa. Era composta de pão distribuído semanalmente, café pela manhã, sopa e cozidos nas refeições. Os alemães tiveram também o

primeiro contato com uma iguaria brasileira, a carne seca, fornecida pelos contratantes. Podia-se fumar apenas no convés, ainda assim, com cachimbo de tampa. As privadas, à noite, eram iluminadas por lanternas abastecidas com óleo de baleia e os baldes que recebiam dejetos, lavados diariamente. Jogos de cartas e de tabuleiros ajudavam a passar o tempo. As mulheres faziam tricô, confeccionavam agasalhos e cuidavam das crianças.

Apesar dos enormes desconfortos da travessia, do aperto entre os passageiros que dormiam em camas portáteis muito próximas (o Rhein não tinha sido projetado para transportar passageiros) a robustez do veleiro de carvalho levado ao sabor do vento sob o comando do capitão W. Bester, transmitia confiança. Nas horas mais calmas, quando as águas do mar se transformavam em espelho, as cantorias soavam mais forte que o normal. Alguns passageiros, mesmo medicados, tiveram febres altas. O tifo podia ser a causa, como se constataria mais tarde.

CHEGAMOS

O desembarque no Rio de Janeiro, em 25 de junho, foi celebrado e recebido com alívio. Os presságios ficaram para trás. A barca Rhein registrou a morte de um adulto, que teve o corpo envolto em lençóis e lançado ao mar, e quase ao mesmo tempo, o contraste da comemoração: um festejado nascimento.

Depois de rápida pausa e do curioso contato com pessoas de pele amorenada, sob agradável temperatura (Inverno em nossos trópicos), Hans, Magdalena e os filhos seguiram para Juiz de Fora, Minas Gerais. Estava começando a saga dos Kreutzfeldt em terras brasileiras.

Deixaram o Rio pelo trem da Imperial Companhia de Navegação a Vapor e Estrada de Ferro de Petrópolis, popularmente denominada Estrada de Ferro Mauá, e chegaram à raiz da Serra da Estrela, prosseguindo a pé e em carroças. A expectativa crescia à medida em que se aproximavam do destino final.

A hoje pujante Juiz de Fora era Santo Antônio da Paraibuna, elevada à categoria de cidade há oito anos e tinha perto de 700 moradores. Sua população estava sendo triplicada com a chegada dos forasteiros.

A pesquisadora Rita Couto resgatou notícia publicada no jornal Parahyba, de Petrópolis, em 1.o de julho de 1858, sobre a chegada dos imigrantes da barca Rhein (entre eles oito Kreutzfeldt) a Santo Antônio da Paraibuna.

"Chegaram ultimamente de Hamburgo a bordo da barca Rhein, mais 182 colonos allemães também de ambos os sexos, para a Companhia União e Indústria. Vimol-os passar promiscuamente em carroças com rosto alegre e expansivos; e um resto deles, ou por não terem conducção, ou por assim o desejarem, seguiram a quase em número de cem. Percorreram toda a rua do Imperador cantarolando em choro cantigas de sua terra, com bandeiras improvisadas prezas aos canos de espingardas de caça, e com grandes ramos que cortavam pela estrada, e que brandiam no ar com a satisfação intima que até a beleza da tarde contribuía para dar-lhes ao pôrem o pé no limiar de sua segunda pátria.

Não seja nunca outra a sua disposição de animo nos lavores a que se destinam e possa a sua feliz sorte chegar ao conhecimento dos seus compatriotas que procuram outras plagas menos hospitaleiras e persuadil-os enfim a procurar espontaneamente o Brasil, onde tudo lhes promete e garante maior somma de bens que lá onde já escassêa o trabalho para tantos braços".

O jornal manifestava simpatia e apelo à imigração alemã, para que trouxessem outros compatriotas. Mesmo que passassem promíscuos em suas carroças (carroças de Mariano Procópio, o contratante).

POR QUÊ JUIZ DE FORA E MARIANO PROCÓPIO

O empreendedor, engenheiro e cafeicultor Mariano Procópio Ferreira Laje tinha recursos e autorização imperial para construir a Estrada União e Indústria, que ligaria Juiz de Fora a Petrópolis, facilitando o escoamento das safras de café, o mais importante produto de exportação brasileiro. A empreitada exigiu uma visita à Inglaterra para conhecer técnicas de construção apropriadas. Voltou entusiasmado. A ideia de levar adiante o projeto do Imperador tornou-se viável. O problema estava em realizar tamanha e complicada obra apenas com trabalhadores nativos. Era preciso importar mão de obra capacitada.

Entrou em cena Friederich Eschels, imigrante de origem germânica que vivia no Brasil há três anos, conselheiro de Mariano Procópio e escalado para selecionar e trazer artífices e colonos que falavam seu idioma e tinham seus costumes. Em razão das guerras prussianas e napoleônicas, as indústrias alemãs estavam paradas e sem perspectivas. Eschels, com documentos que mostravam interesse do Imperador na imigração, contratos vantajosos e boa conversa sobre a fartura de terra no Brasil, cumpriu sua missão, atraindo mais de mil trabalhadores dos mais variados segmentos, como mecânicos, engenheiros, marceneiros, borracheiros, pintores, sapateiros, fabricantes de carruagens, entre outros. Os adultos fariam o trabalho determinado pela companhia com salário nunca menor de 1$500 réis diários. Os menores ganhariam de acordo com as tarefas designadas. Entre os benefícios prometidos havia o de comprar terrenos onde construiriam suas casas, sem juros e com facilidades previstas. Durante o primeiro ano, seriam providos pelos preços correntes dos víveres usados no país,

além da doação de um casal de porcos, três galinhas e um galo. Os contratantes prometeram recebê-los numa colônia com relativo conforto até que começassem a levantar suas casas.

TEMPOS DIFÍCEIS

Mas o primeiro contato com a realidade brasileira trouxe uma decepção. A colônia não existia e os recém-chegados foram distribuídos em casarões antigos, agravado pelo fato de se alojar quatro ou cinco famílias no mesmo espaço, provocando aglomeração, constrangimento e outras inconveniências. O tifo, apurou a pesquisadora Rita Couto, autora de "São Pedro, o coração da Colônia Alemã de Juiz de Fora", teria surgido durante a travessia e provocado estragos. É provável que a única morte entre os Kreutzfeldt, dois anos após a chegada, tenha sido causada pelo que chamavam de "febre brasileira". Claus Heinrich Ehber Kreutzfeldt faleceu em 9 de dezembro de 1860. Claus veio como membro da família de Hans, sem determinar o grau de parentesco.

Diante das reclamações por melhorias gerais estipuladas em contratos, um ano depois seriam transferidos para as terras de Mariano Procópio, na Colônia D. Pedro II. Rita Couto relata que cerca de 200 alemães faleceram, alguns na travessia e a maioria nos dois primeiros anos de adaptação no Brasil.

A INAUGURAÇÃO DA ESTRADA

Estrada União e Industria, inaugurada em 1861.

Com a ajuda expressiva da inteligência e força alemã, em 23 de junho de 1861, pouco mais de sete anos do início da obra, foi inaugurada a Estrada União e Indústria, por ninguém menos que D. Pedro II . Naquele dia, a família imperial e sua comitiva partiram de Petrópolis em cinco diligências, realizando a viagem inaugural na primeira via macadamizada da América do Sul. Entre os assuntos correntes entre a realeza, os construtores e os fazendeiros, certamente estava a Guerra da Secessão, que tinha começado nos Estados Unidos, colocando nortistas contra sulistas. O sangrento conflito acabaria quatro anos depois (1861-1865) com vitória do Norte, 750 mil mortos e o fim da escravidão no país.

A escravidão no Brasil estava na mira de D. Pedro II. Ele tinha proibido o uso da enorme força escrava pertencente a Mariano Procópio na obra, mas sua determinação foi burlada.

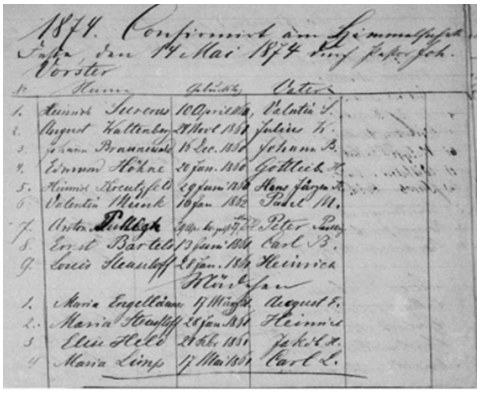
Afinal, como anotou o pesquisador Luiz José Stehling, os serviços de abertura da estrada, de 1856 a 1858, os mais difíceis e brutais, foram feitos por cativos, cerca de dois mil mancípios, do latim mancipiu - aquele que não está totalmente livre. Uma forma disfarçada ou velada de identificar o escravo. Eles foram alugados das companhias inglesas de mineração de Cocais e de Congo Soco e de fazendeiros das regiões cortadas por aquela via. E uma boa quantidade deles continuaria na lida por quase dois anos. O trabalho, com picaretas e enxadões, era na linha de frente, forjando o leito da estrada.

A rodovia tinha 144 quilômetros de extensão (48 km em Minas e 96 em terras do Rio) e largura de oito metros que permitia a passagem de duas diligências em sentido contrário. Fazia-se a viagem em doze horas, transportando 14 passageiros (mais cocheiro e auxiliar) puxado por quatro cavalos. Havia doze estações de muda (troca de animais). Mariano Procópio iria recuperar os investimentos e ganhar dinheiro com a cobrança de pedágio sobre as mercadorias transportadas nos próximos 50 anos.

A estrada, muito depois batizada de BR-3, serviu de inspiração ao cantor Tony Tornado que fez sucesso nos anos 1970 com "a gente corre, na BR-3, a gente morre, na BR-3". A rodovia, que passou a ligar o Rio a Belo Horizonte tornou-se movimentada e perigosa, com registros de gravíssimos acidentes, justificando a melodia vencedora do 5.o Festival Internacional da Canção, de 1970. Hoje, a estrada dos alemães e dos escravos faz parte da BR-040, que liga Brasília ao Rio.

NASCE HENRICH KREUTZFELDT

Em Juiz de Fora, a família de Hans e Magdalena, composta de cinco filhos, aumentou com a chegada de um brasileirinho. Nasceu no dia 29 de junho de 1860, Henrich Mathias Gerhardt Kreutzfeldt – para nós simplesmente Henrique Croisfelt. Depois dele, nasceriam Caroline Marie e Carl Henrich.



Comunhão de Henrich Kreutzfeldt, 14 de maio de 1874, aos 14 anos, (documento da Igreja Luterana)

APPEL E SCHULZ

Também em 1858, a família Appel deixou Hamburgo no dia 7 de abril a bordo do veleiro Tell. A travessia durou 48 dias. Os Schulz embarcaram no dia 19 de maio no veleiro Gessner e demoraram 72 dias. Essas duas famílias se uniram com o casamento dos jovens Henrich Schulz e Catharina Appel em dois de julho de 1865. No dia seis de dezembro de 1871, nasceu Dorothea Umbelina Schulz, a quinta dos dez filhos do casal. Dorothea seria mulher de Henrich Kreutzfeldt.

No ano seguinte ao nascimento de Dorothea, 1872, a tristeza e o abatimento prostraram, pela segunda vez, a movimentada Juiz de Fora. Um pouco antes morrera Elisa, 15 anos, a filha mais velha de Mariano Procópio, de enfermidade que médicos dos Estados Unidos e da Europa não conseguiram diagnosticar. Duas semanas depois, acometido de algum mal derivado do profundo desgosto que o debilitou, faleceu o poderoso Mariano Procópio, com 51 anos. A cidade estava órfã. O homem que comandava tudo deixava dois meninos, Alfredo e Frederico. A viúva, Maria Amália, decidiu viver na Europa e dar sólida educação aos filhos.

CASAMENTO DE HENRICH KREUTZFELDT E DOROTHEA UMBELINA SCHULZ

Depois de um breve período de namoro, Dorothea, 16 anos, e Heinrich, 27, protagonizaram mais um enlace entre descendentes, em 15 de maio de 1887. Com a união, o casal iniciou a estrutura da base familiar do lado paterno, os Kreutzfeldt. O primeiro filho, Martim, nasceu em 1888; a segunda, Marie Julie, em 1890; a terceira, Guilhermina, em 1891, viveu apenas alguns meses; e Marieta, a quarta, nasceu em 1892.

NASCE PETER KREUTZFELDT, O PEDRO ALEMÃO

Em 11 de outubro de 1893 nasceu Peter Kreutzfeldt, ou Pedro Croisfelt, como ficou conhecido o quinto dos nove filhos de Henrich e Dorothea. Em 10 de março de 1895, nasceu a sexta filha, Amália, falecida com sete meses. O registro do batizado de Pedro, na Igreja Luterana, em 1894, identificou os padrinhos: Peter Schubert e Carolina Strunk.

A FAMÍLIA SCHIMIDT E OS KREUTZFELDT

O ano de 1858 marca também a chegada ao Brasil da família Schimidt, para trabalhar como colonos em uma fazenda em Cordeirópolis. Foi então que Francisco Schimidt, com oito anos de idade, conheceu o café. Em Ribeirão Preto, ele chegou em 1890, ano em que adquiriu em sociedade com **Arthur Diederichsen** a fazenda Monte Alegre, atual Campus da USP.

Em 1895, Henrich Kreutzfeldt é contratado por Francisco Schimidt para trabalhar em suas fazendas na região de Ribeirão Preto e se instala com a mulher Dorothea e os filhos Martim, Marie Julie, Marieta e Peter (Pedro) em Monte Alegre. Não há registro do grau de amizade entre patrão e empregado, afinal, as duas famílias chegaram ao Brasil em barcas diferentes. E nem como se deu a contratação de Henrich, que começa a ser chamado de Henrique. O que se sabe é que os descendentes de Juiz de Fora eram admirados pela capacidade de trabalho.

Henrique, segundo o neto Alcindo Croisfelt, orientava a montagem de máquinas de beneficiar café que chegavam em caixas da Europa, com manual em inglês, em todas as fazendas que Schimidt mantinha na cercania. E desempenhou essa função por treze anos. Na Monte Alegre nasceram dois filhos, João e Augusto. Em Ribeirão, os Kreutzefeldt começam a virar Croisfelt. A simplificação dos sobrenomes adotada pelos Cartórios e pela dificuldade dos funcionários em escrever corretamente a grafia.

A SEPARAÇÃO DO AMIGO SCHIMIDT

Em 1908, Henrique, numa atitude surpreendente, tomou a decisão de plantar café. Não houve nenhum desentendimento com Francisco Schimdt, a essa altura já um amigo. Teria sido uma motivação pessoal. Em família, comentava-se que ele assim agiu para evitar que os filhos (seis) não se tornassem "vagabundos". Henrique ganhava bem, tinha vida confortável e os filhos, já grandes, nunca tinham trabalhado. Era preciso colocá-los na lida antes que fosse tarde.

Na região de Franca, Henrique Kreutzfeldt começava seu novo desafio, o de cafeicultor. Nasce Oscar, o caçula. Os meninos trabalhavam na lavoura e reclamavam muito. As mãos delicadas até sangravam. Pedro, um dos que mais chorava, conseguiu se livrar da enxada por um bom tempo. Sua sorte começou a mudar no embalo da chegada do futebol ao Brasil, trazido pelo inglês Charles Muller.

Enquanto isso, em Ribeirão Preto, era nítido o fortalecimento dos imigrantes alemães. Além dos Schimidt, tidos com os "reis do café", a inauguração da Companhia Cervejaria Antárctica, em 1911, colocou em evidência nacional os nomes do alemão Frederico Zerrener e do dinamarquês Adam Ditrik Von Bulow, como fundadores da grande indústria. A população, entusiasmada, degusta a Hamburgueza Faixa Azul, a primeira cerveja fabricada em escala industrial. No mesmo ano, surgiu o Commercial FC, time de futebol criado pelos comerciantes. Enfiado na região de Franca, Henrique perdeu contato com os Kreutzfeldt de Juiz de Fora.

PETER KREUTZFELDT, O PEDRO ALEMÃO

Pedro Alemão

Associação Atlética Francana

O futebol ainda era incipiente, uma correria desenfreada atrás da bola de capotão ligeiramente ovalada. Mas já empolgava. O primeiro jogo no Brasil tinha sido disputado em 14 de abril de 1895, em São Paulo, dezessete anos antes do surgimento da Francana, em 1912. Na esteira do sucesso do chamado esporte bretão (vindo da Bretanha, Inglaterra) vários times foram criados , entre eles, a Ponte Preta de Campinas e o Esporte Clube Rio Grande (RS) fundados em 1900, os mais velhos do Brasil. E Pedro, com 16, 17 anos, batia sua bola. Destacava-se como centroavante nos jogos disputados nas fazendas. Muitas vezes sem chuteiras, ainda raras e caras, jogava de botina.

Forte e raçudo, autor de muitos gols, sua fama chegou aos ouvidos dos que tocavam a Francana, que o convidaram para fazer parte da equipe. Tinha 19, 20 anos e, em pouco tempo, tornou-se titular, reconhecido com o imponente tratamento de Pedro Alemão. O apelido enchia a família de orgulho. Carregou marcas eternas em suas canelas, de confrontos travados com beques que tentavam pará-lo a pontapés. As chuteiras ainda toscas e rudimentares tinham pregos que afloravam de repente, provocando furos doloridos na sola dos pés e estragos nas pernas dos adversários. Sorte que na época havia excelentes sapateiros e eles resolviam os problemas. O dinheiro que ganhava por partida, às vezes, não compensava tanto esforço.

Pedro Alemão defendeu a Veterana de seis a sete anos, parando em 1920, dois anos depois do casamento, por causa das novas dificuldades, entre elas, os filhos que começavam a chegar. Quem conviveu com ele registrou que se tratava de uma pessoa confiável e bem-humorada. Gostava de brincar e de contar piadas.

OS IRMÃOS

Dos irmãos de Pedro Alemão, um deles, Augusto, depois de uma desilusão amorosa, desapareceu. Ninguém mais soube do seu paradeiro. É provável que tenha vivido bem em outro lugar

por se tratar de pessoa com profissão e muito lúcida. Tiveram informação que teria ido para Lins (SP), o que nunca foi confirmado.

A mãe de Pedro, Dorothea Umbelina Schulz faleceu em Cristais Paulista (SP) em 1940, com 69 anos. Um ano depois. Henrique Croisfelt morreu em Restinga (SP) aos 81 anos, pobre, sem terras, trabalhando como meeiro. Contam que deu muitas cabeçadas. As cortinas se fecharam para esse valente casal de descendentes. E ao mesmo tempo, se abriram para uma criança de nome Roberto Carlos Braga, que veio ao mundo em Cachoeiro do Itapemirim (ES), para compor e cantar.

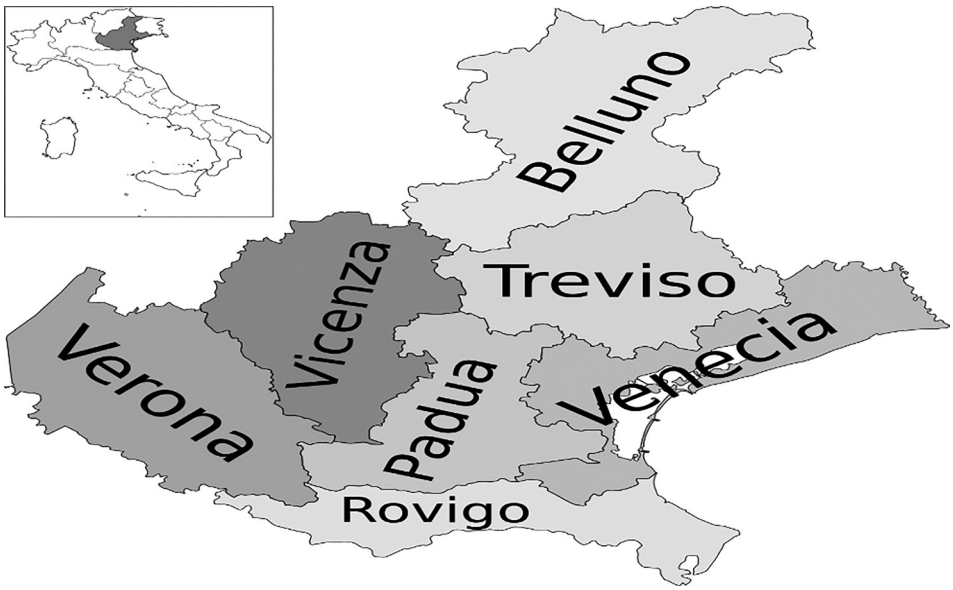
Augusto, o irmão que sumiu

Martim, o mais velho, e Augusta Signolfi

Marieta (irmã) e o Mamede Stefani

Oscar, o irmão caçula

OS ITALIANOS ENTRAM NA HISTÓRIA



Se os alemães foram empurrados para o Brasil por causa da grave crise financeira, o mesmo se deu com os italianos, às voltas com problemas de todos os tipos. Mas a história também ensina que eles vieram para substituir a mão de obra escrava e contribuir para a miscigenação nacional.

Em 1894, o Brasil tinha, pela primeira vez, um presidente civil, Prudente de Moraes, que substituía Floriano Peixoto. Nos Estados Unidos nascia o cineasta John Ford. Em dia incerto daquele ano, desembarcavam no porto de Santos, Geovane Luigi Bettiato, que no Brasil tornou-se Luiz Bettiati, e sua mulher Antonia Gaioto Bettiati. Ele, nascido em Vila Del Conti, Pádua, em 24 de setembro de 1873, e ela de Treviso. Trouxeram o filho Felice.

Os Bettiati vieram para o Brasil com recursos próprios. Mesmo assim, a viagem não foi fácil. O vapor trazia animais e gente misturados. A água era ruim e escassa. Comia-se mal e dormiam amontoados. Estabeleceram-se na região de Franca, compraram terras e plantaram café.

MARIA BETTIATI

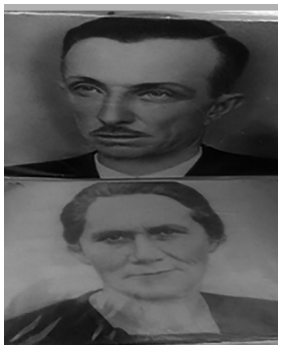
Maria Bettiati (1944)

Maria nasceu em Rifaina em 20 de maio de 1899. Amália e Virgínia, suas irmãs, também nasceram aqui. Em 1906, doze anos depois da chegada, Luiz Bettiati, sem motivo aparente – talvez com saudade da bela Vila Del Conti, ao lado do mar Adriático - tomou a decisão de voltar. Vendeu o que tinha e foi embora com a família. Permaneceram oito anos por lá, até 1914, inicio da 1.a Guerra Mundial. Agora, com as bombas estourando em seus calcanhares, os inquietos Bettiati voltaram para o mesmo lugar onde tinham estado pela primeira vez, em Franca. Viajaram às pressas, a ponto de o caçula José Bettiati quase ter nascido a bordo. De novo, bancaram as passagens. E novamente, sofreram muito. Maria Bettiati, com 15 anos, lembrava que os passageiros da parte de cima do vapor jogavam moedas quando cantavam. Interessada no dinheiro, escasso naquele tempo, enchia os pulmões e soltava a voz... SantaaaLuciiiaaaaa ...

Os Bettiati trouxeram dois filhos da Itália - Joana e Rosa - e o caçula José que nasceu no Brasil e se juntaram a Felício, Maria, Amália e Virgínia. Os filhos mais velhos receberam boa educação escolar e aprenderam o latim.

No Brasil, Luiz Bettiati, durante muito tempo, manteve em seu quarto um tonel de vinho, que tomava em uma caneca esmaltada trazida de Vila Del Conti. Quando ele morreu, em 14 de junho de 1951, aos 78 anos, em Pedregulho, Orestes Quércia, o mais conhecido filho da terra tinha 13 anos e engatinhava na caminhada política que o levaria ao governo do Estado de São Paulo. Antônia morreu em 16 de novembro de 1959, ano em que a cantora Maysa, separada de André Matarazzo, uma das famílias mais ricas do Brasil, se tornava a primeira artista nacional a se apresentar numa televisão japonesa. Ela cantou "Meu mundo caiu", seu maior sucesso.

Geovanne Luigi Bettiati e Antonia Gaioto


Felice, com a mulher Angelina

E José, irmãos de Maria Betiatti

O ENCONTRO DE PEDRO ALEMÃO E MARIA

O ano de 1914 registra o encontro dos Croisfelt com os Bettiati, a ligação alemã-italiana que fortaleceu a nossa grande base familiar. O ano em curso também sedimenta a influência alemã na economia de Ribeirão Preto, com o início das atividades da Companhia Cervejaria Paulista (fabricante da cerveja preta Níger, da cerveja clara Poker e do guaraná Paulista). O homem forte da empresa era o alemão Hanz Scherholz, diretor-técnico e o químico da fábrica. Com a Antarctica e a Paulista funcionando a todo vapor, Ribeirão, em breve, ficaria nacionalmente reconhecida com o "capital do chope". A força da cerveja contribuiu para o surgimento do Cassino Antárctica e da Choperia Pinguim (em 36), a implantação do Boque Fábio Barreto e a fundação da orquestra da cidade. Em 1930, fica pronto o Theatro Pedro II até hoje, o cartão postal de Ribeirão e o terceiro maior teatro de ópera do país.

Os Croisfelt já estavam morando em uma fazenda de café em Restinga, na região de Franca, quando os Bettiati, em 1914, regressaram ao Brasil. Nessas terras trabalhavam imigrantes alemães e italianos. Essa coincidência levou Pedro Alemão e Maria ao seu primeiro encontro. Ele, ainda jogador de futebol, se apaixonou e para conquistá-la aprendeu a se "virar" em italiano. Maria Bettiati tinha avisado que a língua dele era muito complicada e ela não ia entender nunca, capicce! Somente agora, em 2018 (104 anos depois), um Croisfelt do Brasil conseguiu dominar o alemão com todos os erres: a frauleine economista Isabella Croisfelt Santos, 25 anos, filha de Célia e Osmar. Para tanto, teve que viver na Alemanha quatro meses, depois de vários anos de estudos dedicados ao idioma.

Em 1918, começa nos Estados Unidos e se espalha pelo mundo, uma pandemia que ficaria conhecida como "gripe espanhola", causada pelo vírus influenza H1N1 que, calcula-se, infectou 500 milhões de pessoas, cerca de um quarto da população na época, e matou aproximadamente 100 milhões. O cenário macabro e ameaçador não impediu que Pedro e Maria subissem ao Altar em núpcias realizadas em Restinga. Eles tiveram 7 filhos: Alzira, Irene, Alcindo, Antônia, Hermenegildo, Zenaide e Valter.

Pedro, com novas responsabilidades, deixou a Francana e abandonou as mais puras tradições germânicas, como a cerveja, para se dedicar à companheira. Luterano de formação, submeteu-se à Igreja Romana. Paulatinamente, deixou de falar em sua língua para se comunicar melhor com os familiares. Enfim, italianou-se! O tempo passou e, em 1924, nasceu o terceiro filho, Alcindo.

ALCINDO CROISFELT

Em primeiro de julho de 1924, na cidade de Pedregulho, nasceu Alcindo Croisfelt, ano do início das aulas na escola de Farmácia e Odontologia de Ribeirão Preto, que em 1958 seria agregada à USP (Universidade de São Paulo). E da longa jornada da Coluna Prestes, que percorreu o país durante três anos. Um movimen-

to político, militar comandando por Luiz Carlos Prestes contra a oligarquia. Exigia voto secreto, defesa do ensino público, obrigatoriedade do ensino secundário para toda a população e acabar com a miséria e injustiça social no país.

No dia do nascimento de Alcindo, vó Maria, com o denodo próprio dos fortes, trabalhou o dia todo na roça. Só parou ao sentir as primeiras contrações. A parteira resolveu o problema.

Devido às constantes mudanças de fazendas, era difícil para os filhos de Pedro e Maria estudarem. Com Alcindo foi diferente. Curioso e esperto, ele aprendia rápido. Naquele tempo, era possível completar em um ano o curso primário, que nos tempos atuais leva quatro. Foi o que aconteceu. O professor ia passando o aluno para as séries seguintes e, ao cabo de doze meses, o menino completou o primário. Aprendeu a ler, a escrever e a fazer contas de dar inveja. Se orgulhava disso.

1943, Alcindo, 19 anos, com o pai Pedro, em Aparecida

PERSEGUIÇÃO: CROISFELT POR CAMPOS

Hermenegildo de Campos, tio Gildo

Os resquícios da primeira guerra mundial (1914 a 1918) tendo a Alemanha como derrotada, sempre interferiram na vida dos imigrantes no Brasil. A quebra da Bolsa de Nova York, em 1929 que instalou a maior crise financeira no mundo, também atrapalhou. Os milionários perderam suas fortunas do dia para a noite e ninguém teve dinheiro para comprar o café da grande safra que o Brasil tinha produzido. Em razão disso, os poderosos cafeicultores faliram. O estrago foi tão grande que em Ribeirão, Francisco Schimidt se viu obrigado a vender a fazenda Monte Alegre.

Em 1931 nasceu Hermenegildo (Gildo), o quinto filho de Pedro Alemão. Receoso com o rumo dos acontecimentos, o pai decidiu poupá-lo do estigma da descendência e trocou o Croisfelt por Campos. Três anos depois nasceu Zenaide, que igualmente carregou o Campos no sobrenome.

Ainda bem que esse excessivo ato de zelo, que provocou fraturas no orgulho da família, parou por ai. O sétimo e último filho, Valter, retomou o sobrenome Croisfelt e restituiu a coragem de enfrentar qualquer eventual adversidade.

Quem conviveu ou conheceu razoavelmente Gildo, sabe que ele nunca concordou com essa decisão. O sobrenome Campos trouxe aborrecimentos, impondo muitas explicações, que variavam da ironia à raiva, dependendo do humor. Ele, que teve uma vida ativa e longeva em parceria com o irmão Alcindo (como vamos mostrar adiante) morreu em Sorocaba, em 2019, aos 87 anos, levando esse sentimento. Este ano (2021), por conta do processo de cidadania italiana, solicitado pelos filhos, a reparação do registro de Hermenegildo de Campos está em andamento e ele, enfim, terá o Croisfelt "in memorian". Para Zenaide, o impacto foi menor. Casou cedo e seus filhos receberam o sobrenome do pai.

OS GANZAROLI CHEGAM A SANTOS

Chiara Guerrini, Vericondo Ganzaroli e menina não identificada

Os Ganzaroli chegaram ao Brasil em junho de 1888, apenas um mês depois de a princesa Isabel ter assinado a Lei Áurea, que aboliu a escravidão no Brasil. Em São Paulo, iniciava-se a construção do Viaduto do Chá; foi inaugurada a Basílica velha de Aparecida, hoje unida por um elevado à Basílica nova. Em depressão, o pintor holandês Vincent Van Gogh cortou parte de sua orelha esquerda. Nos EUA, John Dunlop, patenteou sua descoberta, o pneu. Em Portugal, nasceu o poeta Fernando Pessoa.

O casal Vericondo Ganzaroli, 44 anos, e Chiara Guerrini, 37, ambos de Castel Novo Bariano, região do Vêneto, aportou em Santos em 19 de junho. Trouxeram cinco filhos italianos: Zelinda, Lázaro, Modesto, Rosa, Antônio e um na barriga, José. No Brasil, além de José, nasceram Margarida, Jacinto e Carlos. O destino inicial foi a região de Campinas e, posteriormente, Franca.

Os dados da chegada dos Ganzaroli são do Arquivo Estado de SP: Vapor Birmânia; estalagem, matrícula 188 do Alojamento Provençal da Imigração em São Paulo. Não se sabe ao certo o motivo que levou Vericondo a se registrar como Achiles na imigração. O que existe de razoável fundamentação é que Achiles, por aqueles tempos, era um nome nobre e bonito. Teria surgido uma boa chance de se livrar de Vericondo, aliás, comum na Itália de então. José Ganzaroli – preste atenção nesse nome - que navegou na barriga da mãe, nasceu em Amparo em 13 de dezembro de 1888.

SURGE O "NOVO" BRASILEIRO

Os Ganzaroli não foram os únicos a procurar as boas terras paulistas. Um recenseamento feito em 1902 mostra que tínhamos mais estrangeiros, especialmente italianos, compondo a maioria da população de Ribeirão Preto.

Com iluminação pública elétrica substituindo os lampiões a querosene, Ribeirão Preto experimentava um crescimento surpreendente. A Câmara Municipal autorizou a realização de recenseamento populacional e contratou José Fabrício de Alcântara para o estafante trabalho, feito principalmente no lombo de cavalos e mulas. Vários meses depois, constatou-se que Ribeirão tinha 52.910 moradores, dos quais 19.711 brasileiros e 33.199 estrangeiros de várias nacionalidades, com os italianos disparados em primeiro lugar com 27.765 almas. Quem diria que Ribeirão já teve mais estrangeiros que nacionais entre seus moradores! O número de casas na cidade e na zona rural somaram 2.521, com 16 em obras. No Distrito de Bonfim Paulista, foram recenseados 514 habitantes Mais tarde, com força total, estabeleceram-se aqui alemães que se destacaram no comércio, com a forte atuação da "Casa Allemã", famosa em todo o estado, com o papel de grande magazine. Também havia várias casas de panificação e doces, para o consumo dos cafeicultores e famílias. Mas não foi só.

Entre os alemães que merecem menção está também Max Barstch, paisagista e pensador de largos vôos.

1936, EDIFÍCIO DIEDERICHSEN

Historiadores garantem que a família Diederichsen é de Hosltein, mesmo lugar onde nasceram os Croisfelt. O final do

sobrenome – sen - seria de origem dinamarquesa. Afinal, Hosltein, antes de se tornar um estado alemão, tinha laços com a Dinamarca. A queda da bolsa de 1929 não pegou Antônio Diederichsen de surpresa. Ele diversificou suas atividades, ganhou dinheiro e concluiu o primeiro prédio alto de Ribeirao Preto, com seis andares, no centro da cidade, que abrigou endereços importantes como A Única, Choperia Pinguim, hotel, alfaiates renomados. O primeiro arranha-céu da cidade ainda tem importância vital. Hoje, o prédio pertence à Santa Casa. Entre os familiares, comenta-se que Antônio Diederichsen teria crismado Pedro Croisfelt, o Pedro Alemão.

1939: ALEMÃES SÃO PRESOS NO BRASIL

No finalzinho de 1939, já na Segunda Guerra, o navio alemão Windhuk, fugindo de embarcações da marinha da inglesa, após deixar os passageiros na Cidade do Cabo (África do Sul) tomou caminho rumo ao Brasil. Em sete de dezembro atracou com segurança no porto de Santos. Os 244 tripulantes a bordo – engenheiros, médicos, oficiais e marinheiros – respiraram aliviados. Estavam salvos. Mas jamais imaginaram que passariam os próximos quatro anos presos no Brasil.

Embora o governo do presidente Getúlio Vargas mantivesse a neutralidade no conflito, provavelmente por pressão dos Estados Unidos, foi decidido que os alemães permanecessem a bordo, detidos.

A segunda ordem só veio três anos depois, em 42, após decisão brasileira de declarar guerra ao Eixo (Alemanha, Japão e Itália). Então, os 244 tripulantes do Windhuk foram levados para a Casa de Detenção do Carandiru, em São Paulo. Diante de alguns protestos, o governo entendeu que não podia manter os estrangeiros encarcerados como presos comuns e instalou prisões provisórias em Pirassununga, Bauru e Ribeirão Preto, até que fossem concluídos campos de concentração em Guaratinguetá e Pindamonhangaba. Em Ribeirão Preto, os alemães ficaram presos na fazenda Monte Alegre, onde Henrique Croisfelt trabalhou até 1908. O local já não pertencia mais a Francisco Schimidt, que em razão da quebra da Bolsa em Nova York, em 1929, sem capital, se viu obrigado a vendê-la. Hoje, a fazenda Monte Alegre é o Campus da USP.

Resultado da odisseia: depois de mais três anos detidos em campos de concentração de Pindamonhangaba e Guaratinguetá,

cidades do Vale do Paraíba, com o final da Guerra, em 1945, foram, finalmente, liberados. Mas apenas um alemão retornou ao seu país. Os demais, gostaram, e ficaram por aqui mesmo.

1942: ITALIANOS TAMBÉM SOFREM COM A GUERRA

Messias de Paula Ferreira

O ano inaugurou outro estágio de extrema dificuldade para imigrantes de países envolvidos na 2.a Guerra Mundial. Pressionado, o Brasil declarou guerra ao Eixo (Itália, Japão e Alemanha) e de imediato, uma estúpida fúria nacionalista varreu o país. Propriedades de italianos e alemães começaram a ser confiscadas pelo governo, e sem nenhum pudor, entregues de mão-beijada a brasileiros de castas privilegiadas. Até os clubes de futebol oriundi – eram muitos na época - foram forçados a mudar de nome.

No sítio onde morava com os pais, em Pedregulho, o jovem Messias de Paula Ferreira, 20 anos, discreto torcedor do Palestra Itália de São Paulo, deitou cedo naquele 14 de setembro de 42. No dia seguinte, ficou sabendo que seu clube mudara de nome e cores. Passou a se chamar Palmeiras, com camisa e calção verde e branco. A cor vermelha, que caracterizava a bandeira italiana, foi banida. Messias deu de ombros para a xenofobia crescente, continuou chamando seu clube de Palestra e se casaria depois com Tunica Croisfelt, neta de alemães e de família corintiana. Filho de português com cara de índio (característica mestiça) Messias herdara a coragem dos navegadores.

VOLTEMOS A FRANCA, 1918

As voltas que o mundo dá. O ano de 1918 marca o final da Primeira Guerra Mundial e a Europa respira aliviada. Nasceu Nelson Mandela, presidente da África do Sul de 1994 a 99, e premiado com o Nobel da Paz em 1993 por acabar com o apartheid, política que dava aos negros tratamento de homens de segunda classe. E o falecimento de Chiara Guerrini, em Franca em oito de outubro, aos 67 anos de idade. No ano seguinte, morreu Vericondo ou Achiles Ganzaroli, com 75 anos. Não há registro sobre a doença que matou o casal, mas em tempo tão curto, é provável que tenham sido vítimas da gripe espanhola.

CASAMENTO DE JOSE GANZAROLI E JOVINA

José Ganzaroli

José Ganzaroli, o menino que veio da Itália na barriga da mãe, e Jovina Bego se casaram em Franca em 1923. Tiveram seis filhos: Aparecida, Orlando, Elza, Domingos, Aurora e Vericondo. A que-

rida Jovina foi vítima de uma terrível fatalidade. Morreu jovem, com 48 anos, longe dos olhos e dos cuidados da família. A doença que contraiu era um tabu, assunto proibido: hanseníase, incurável na época. O mal manifestou-se pouco antes de Jovina completar 40 anos. Também tinha convulsões, que colocava a família toda ao lado da cama para consolá-la.

A hanseníase, conhecida popularmente como lepra, cresceu nos anos 30 por conta da imigração europeia durante o ciclo do café. Os doentes que tentavam se esconder ou fugir eram capturados pelo Departamento de Profilaxia da Lepra e, internados à força, passavam anos sem qualquer contato com familiares ou vida exterior. Para evitar contágio, isolava-se o paciente. O hospital funcionava como "campo de concentração". A política de isolamento de hansenianos era tão cruel que pouco conseguiu ajudar no combate à doença.

Foi neste clima, sem outra alternativa, que em 1936 Jovina fez sua a última viagem carregando uma bagagem modesta e a desesperança no coração. O destino era o Asilo-Colônia Cocais, em Casa Branca (SP), onde tratada com paliativos, resistiu bravamente durante mais de dez anos, falecendo em 11 de novembro de 1948.

A filha de Domingos Bego e Filomena Antonini, nos deixou um legado de grandeza e de sofrimento. Seu corpo, com o acompanhamento único do marido José, baixou sepultura numa área reservada para doentes de hanseníase. Mas a cepa que Jovina plantou era das melhores, frutificou, e prosperou. Não encontramos nenhuma fotografia de Jovina, que segundo a filha Aparecida, era bonita. A invisibilidade chegava às fotografias, que "sumiam". Até esse direito foi tirado dela por conta do estigma da doença.

A DEDICADA APARECIDA GANZAROLI

No dia 26 de setembro de 1924, em Igarapava (SP), deu-se o nascimento de Aparecida Ganzaroli, a primeira filha de José e

Jovina. Mesmo tendo que assumir responsabilidades muito cedo, por causa da doença da mãe, não deixou que o acúmulo de tarefas interferisse na sua adolescência.

Costumava fazer poucos comentários sobre a mãe, com quem conviveu até perto do seus doze anos. Dizia que a primeira convulsão sofrida por ela foi em razão de ter lavado a cabeça após o almoço, de estômago cheio. Era proibido falar sobre o verdadeiro motivo da sua internação. Ficava claro que o pai procurava esconder a hanseníase. Havia a possibilidade de a família ter de conviver com um terrível preconceito, que regia o comportamento das pessoas diante da doença.

O local para onde José Ganzaroli tinha-se mudado, depois da internação da mulher, a Usina Junqueira, em Igarapava, era movimentado. Ali, Aparecida estabeleceu laços de amizade com uma família de imigrantes japoneses. Simpática em sua meninice, granjeou a confiança dos nipônicos e foi recompensada pelo mesmo sentimento. Resultado: assimilou detalhes da cultura milenar, que parecia ter caído do céu, como um ET. Aprendeu a comer e a fazer refeições misturando sal com açúcar, testemunhou admiráveis costumes praticados em festas e sepultamentos além de truques e dicas.

Uma delas, e a que mais gostava, era amarrar os irmãozinhos às costas, à moda oriental. Com isso, mantinha as mãos livres quando precisava carregar o caçula Vericondo. Já tia Aurora, precoce no desenvolvimento, se virava sozinha, e acompanhava com seus passinhos ligeiros a irmã resoluta e transformada em dona de casa.

Aparecida só perdia o compasso quando Aurora, contrariada, iniciava seus protestos batendo a cabeça no chão. Esses confrontos eram comuns e acabaram resolvidos com a intervenção paterna. José, sempre zeloso, perdia a paciência e, para cada cabeçada de tia Aurora, respondia com um tapinha na bunda. Assim, devagar, Aurora perdeu a mania.

Com a amiguinha japonesa, passava bom tempo a brincar, correndo pelos campos e subindo em árvores. O fôlego das duas companheirinhas era exigido quando se equilibravam sobre cercas de pau com um irmão amarrado às costas. O medo da queda fazia a adrenalina subir. Sempre voltavam para casa inteiras, felizes e cansadas.

Um fato que marcou sua adolescência, pela maneira repetida como tocava no assunto, foi o sepultamento do chefe da família japonesa. Contava que os pertences pessoais do falecido, como chapéu, bengala, navalha, pente etc, foram colocados dentro do caixão. Durante o velório havia comida farta, que foi levada para o cemitério.

Aparecida cuidou dos irmãos mais novos. Tio Domingos e tio Vericondo tinham por ela enorme respeito, pelos cuidados a eles dispensados desde pequenos. Tornou-se natural, no dia das Mães, ela ganhar presentes dos irmãos. Era o afloramento de um dos mais belos conceitos cristãos: a gratidão.

JOSÉ GANZAROLI

Sempre muito atencioso, José, em razão da saúde debilitada da mulher Jovina, participou efetivamente na criação e educação dos filhos, com a ajuda de Aparecida, que trocou a lida na roça pela cozinha para cuidar dos irmãos. Vô José, muito calmo, seguia rituais no seu dia-a-dia. Metódico, lavava as mãos, dedo a dedo, e também os secava individualmente. De manhã, ao levantar-se, tinha cuidados especiais com os dentes, escovados com sabão. Os cabelos nunca estavam em desalinho. Nos fins de semana, em

casa ou quando combinava um serviço, costumava exercer sua profissão original, de carpinteiro. Tinha uma invejável mala de ferramentas para a época. Ninguém podia chegar perto. Tratadas como relíquias, várias peças mantêm-se em perfeito estado.

Dos irmãos de José Ganzaroli, três eram bastantes citados. Lázaro, já casado, mudou-se para a Argentina e não se teve mais notícias dele, da mulher e dos filhos. Não se sabe o que motivou a mudança para o país vizinho, talvez alguma oportunidade de trabalho oferecida pelo lado da família da esposa. A irmã, Ezelinda, que nunca saiu de perto de José, teve 24 filhos, quatro gêmeos e mais à frente será personagem de um capítulo especial, como atração de Hebe Camargo num programa de tevê. O terceiro era Jacinto, o avô de Helen Ganzaroli, uma das queridinhas de Sílvio Santos no SBT.

Lázaro, irmão de José Ganzaroli que foi para Argentina, e família.

Única referência fotográfica de Jovina Bego é a foto de sua irmã com o marido. Os familiares diziam que eram bem parecidas.

O ENCONTRO DAS FAMÍLIAS CROISFELT E GANZAROLI

Mais uma volta no tempo. Agora estamos em 1946. O final da Segunda Guerra Mundial trouxe expectativa de melhoria de vida às famílias do campo e da cidade. Menos para os alemães e italianos, que voltariam a sofrer perseguições.

Foi a esperança de dias melhores que levou Pedro Alemão, sua mulher Maria Betiatti e os irmãos dela - Felício, Virgínia e Joana - a trocarem Franca por Maringá (PR), terra que eles pretendiam desbravar. Maringá foi planejada para ajudar a colonizar o Norte do Paraná, um lugar ermo e promissor.

A experiência foi parcialmente bem-sucedida. Felício, Virgínia e Joana se adaptaram e ficaram por lá. Maria e Pedro desistiram da empreitada. O lugar era infestado de mosquitos e um dos filhos, Alcindo Croisfelt, contraiu malária. Permaneceram em Maringá apenas quatro meses e retornaram para a fazenda Biazoli, em Pedregulho (SP).

No começo de 1947, ano em que nasceram Rita Lee, nossa roqueira maior, e o cantor inglês Elton John, a família Ganzaroli chega a fazenda Biazoli. Aparecida, sempre comunicativa e despachada, não perdeu tempo e saiu pela colônia se apresentando. Diziam que era muito bonita. Maria Bettiati ficou encantada ao conhecê-la e queria apresentá-la ao filho Alcindo. Achava que ele ia gostar da moça dos cabelos longos e cacheados.

DESTINO E AUDÁCIA

O destino se encarregou do resto. Logo depois, os dois se encontraram num baile na fazenda. Empolgado, num rompante de

atrevimento, ao passar por ela, que estava de costas, pegou num cacho de cabelo e disse: esse vai ser meu. Os dois comentariam esse encontro, nos detalhes, pelo resto da vida. Aparecida tinha bonita cabeleira, em tom castanho, que cobria parcialmente suas costas.

Os dois começaram a ser ver mais amiúde e logo Alcindo soube que havia uma pedra no meio do caminho. Aparecida estava comprometida. O rapaz, de família espanhola, chamava-se Manoel Murilla. E para agravar ainda mais o problema, Murilla era irmão da nora da tia Ezelinda. Em resumo: havia uma torcida organizada em prol de Murilla.

Alcindo enfrentava e, ao mesmo tempo buscava resolver o impasse. Queria Aparecida. José Ganzarolli, que adorava a irmã Ezelinda, já tinha prometido a filha ao espanhol, de boa família e de bons modos. Alcindo fez a sua parte. Procurou José e pediu a mão da filha em casamento. José ouviu calado e calado permaneceu. O que o pai não contava, é que Aparecida já tinha decidido com quem ia se casar. E nada iria demovê-la. Tratava-se de uma rebeldia rara para uma época em que as filhas acatavam a decisão paterna.

Aparecida bateu o pé e escolheu Alcindo. A fazenda Biazoli, em pouco tempo, tomou conhecimento da sua arrojada decisão. Dessa vez, quem não gostou foi Murilla. Ninguém o tinha visto com arma de fogo. Tratava-se de rapaz de boa formação, só 23 anos. Mas ao saber que Aparecida o havia preterido, sentiu o golpe e, ferido nos brios, deixou entender que poderia fazer uma loucura. Alcindo tomou suas precauções.

O CASAMENTO DE ALCINDO E APARECIDA GANZAROLI

Alcindo e Aparecida, unidos em 31 de julho de 1947

A verdade é que, quatro meses depois de ter encerrado o compromisso com Manoel Murilla, teve casamento em Pedregulho. No dia 31 de julho de 1947, dedicado a Santo Inácio de Loyola, fundador da Companhia de Jesus, Alcindo, que havia contraído malária durante sua estada em Maringá, teve uma recaída, com febre alta, dor de cabeça e a tremedeira típica dessa enfermidade.

Acharam até que era praga do noivo abandonado. Mas nada disso foi suficiente para impedir o casamento. Ele aguentou firme, tomou os remédios que colocaram na concha da sua mão direita, e recebeu o Sim de Aparecida, em Pedregulho, na Igreja N.S. Aparecida.

Alcindo e Aparecida juntaram-se para longa união, que resultou em oito filhos (um falecido no parto), 15 netos e 21 bisnetos. Tudo isso porque Aparecida, à frente do tempo, num período em que mulheres não tinham voz, decidiu que seria assim. Mas o des-

fecho da história, como toda história que envolve paixão, gerou uma guerra de implicância entre o sogro e o genro. As conversas, quando estabelecidas, tinham algumas farpas. Os filhos admitem que o pai era quem mais implicava. E que vô José era calmo e cordato.

Aparecida, por sua vez, não tinha problemas com a nova família. Só questionava o desejo da sogra, Maria Betiatti, que a forçava a ter quantos filhos Deus quisesse. Ela pensava que os frutos do casamento deveriam chegar de forma controlada. Como na época não havia como evitar a gravidez, os filhos chegavam em pencas. As duas se davam bem e estabeleciam cumplicidade trocando palavras em italiano.

Alcindo costumava dizer, com ironia, que o sogro não gostava de alemães. Pura "maldade". Vejamos: Aurora, Orlando e Vericondo, irmãos de Aparecida, casaram com Gildo, Zenaide e Cida, irmão, irmã e sobrinha de Alcindo. Imagina se José Ganzaroli gostassse de alemães! O entrelaçamento aumentou o sentimento de afeição entre as duas famílias.

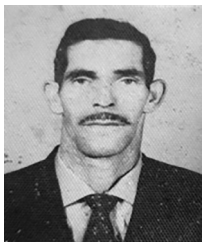
Nos tempos em que Alcindo e Aparecida se conheceram, duas irmãs dele já estavam casadas: Alzira e Irene.

ALZIRA E GIULIO BERNARDES

Em 1935, ano de nascimento do roqueiro Elvis Presley, do tenor Luciano Pavarotti e da morte da revolucionária compositora, instrumentista e maestrina Chiquinha Gonzaga, aconteceu o casamento de Alzira e Giulio Bernardes, que tiveram nove filhos: Antônio (Tunim), Lourdes, Aparecida (tia Cida), Neusa, José (Zé Branco), Luiz, João, Nilva e Valdeci.

Tunim, o primogênito, veio ao mundo nove meses antes do seu tio Valter Croisfelt, o caçula de Pedro Alemão e Maria Betiatti. A família até hoje se diverte com isso. A segunda filha, Lourdes, foi resgatada por Deus, com dois aninhos. Tio Giulio, que nunca conheceu outro trabalho que não fosse o cabo de uma enxada, intoxicou-se com o veneno usado na lavoura e faleceu com 76 anos. Tia Alzira morreu com 89 anos.

IRENE E HOMERO DE OLIVEIRA



Tio Homero e tia Irene (não há registro de foto do casamento)

O casamento foi no ano que marcou a fim da Segunda Guerra Mundial. Tiveram apenas uma filha, Maria Odete. O motivo de terem gerado filha única foi o fator RH do sangue de ambos. O dela era negativo e não combinava com o positivo do marido.

Essa confrontação sanguínea provocou uma série de abortos, que prostravam tia Irene e abatia o casal e parentes próximos. Como a medicina já conhecia o problema, os médicos optaram por uma cirurgia que interrompeu o ciclo de gravidez de tia Irene. Melhor assim. Maria Odete foi uma extraordinária filha, professora e ligada na história da família. O casal se dava por abençoado.

Tio Homero, ferroviário, era daqueles que contava a mesma piada cinco, dez vezes, e todo mundo ria. Era difícil vê-lo isolado. Sua comunicação suave e espontânea atraía ouvintes. Faleceu em 1997 com 75 anos. Tia Irene, em 2011, com 89 anos.

VACINA BENDITA

Só em 1960, ano em que Eder Jofre tornou-se campeão mundial dos pesos galos, feito extremamente comemorado no Brasil, é que foi criada uma vacina para neutralizar os anticorpos gerados na mãe para combater o objeto estranho. No caso, o bebê com **sangue RH positivo**. A descoberta eliminou o aborto e encheu os lares de belos rebentos. Alcindo também tinha o fator RH negativo e transmitiu para quatro de seus filhos: Luiz Antônio, Vicente Paulo, Regina Maria e Maria Célia.

TIO GILDO E TIA AURORA ABREM SUCESSÃO DE CASAMENTOS

Tio Gildo e tia Aurora com tia Cida como dama de honra

O casamento de Aparecida e Alcindo estimulou os solteiros das duas famílias. Em 1951 deram-se três enlaces. O primeiro deles entre Gildo (irmão de Alcindo) e Aurora (irmã de Aparecida), em Pedregulho, na Igreja N.S. Aparecida. Tiveram sete filhos: Humberto (falecido com dois anos e outro no parto) Carlão, Eunice, Paulo, Hermes e Sérgio.

O falecimento de Humberto foi dolorido. Nasceu com problema no coração e resistia bem até completar dois anos, quando a doença se agravou. Tia Aurora cuidava do segundo filho, Carlão, recém-nascido, e coube a Aparecida colocar Humberto no colo e sair atrás de ajuda medica. Era dia de eleição e a precariedade de comunicação na época conspirou contra a luta pela vida. Quando Aparecida conseguiu, com enorme esforço, chegar ao médico, Humberto já não respirava mais. Foi resgatado por Deus nos braços da tia, que corria para preservá-lo. Depois do nascimento de

Carlos, tiveram um outro bebê, que nasceu morto, asfixiado pelo cordão umbilical. A rudeza da vida não dava trégua.

ORLANDO E ZENAIDE

Em seguida, deu-se a união de tio Orlando (irmão de Aparecida) e Zenaide (irmã de Alcindo), em Pedregulho, na Igreja N.S. Aparecida. Tiveram oito filhos: Eleusa, Edvaldo, Élcio, Edson, Elói, Hermínia, Helenice e Rita de Cassia. Tio Orlando, trabalhador rural, faleceu em 2008 com 82 anos. Tia Zenaide, em 2020, aos 86 anos. Um fato abalou a família em 1990. Élcio, com apenas 31 anos, transportando soja, faleceu ao colidir de frente com outro caminhão, em uma vicinal nas proximidades de Uberaba (MG).

ANTONIA (TUNICA) E MESSIAS DE PAULA FERREIRA

O terceiro casamento de 51, ano em que Getúlio Vargas assumiu seu segundo mandato como 17.o presidente do Brasil, agora eleito por voto direto, uniu tia Tunica (irmã de Alcindo) e tio Messias. Tiveram seis filhos: Nadir, Nair, Neide, Nilva, Nildo e Neci. Tio Messias foi um dos maiores amigos de Alcindo. Verdade também que Messias, hoje com 98 anos, continua muito admirado e digno de afeto por todos os familiares. Trata-se de uma pessoa cordial, de conduta reta e ainda em atividade – faz brinquedos e um inigualável sabão. É uma unanimidade. Tia Tunica, infelizmente, faleceu em 2008, aos 79 anos.

DOMINGOS E DOMERCILIA GONÇALVES (CILICA)

Em 1952, ano da morte do cantor Francisco Alves, o Rei da Voz, e de Evita Peron, a lendária primeira dama da Argentina, tio Domingo (irmão de Aparecida) se casa com Domercília, a tia Cilica, uma doçura de pessoa, em Pedregulho, na Igreja N.S. Aparecida. Tiveram quatro filhos: Maria Luiza, Maria Helena, Antônio (Tony) e

Sandra. Tia Cilica, 86 anos, ainda lépida em seus afazeres, foi bordadeira e teve outros dons artísticos que exercitou com maestria.

Sofreu discriminação dos familiares pelo fato de professar o Espiritismo. Os que a discriminavam não sabiam que ela estava e continua na companhia de São Vicente de Paulo, Santo Agostinho, Santo Antônio, São Francisco de Assis, Paulo de Tarso, São Luiz, Anjo Ismael, São João Evangelista, e principalmente, Jesus. "Meu Reino não é deste mundo". Tio Domingos, que sempre apoiou sua espiritualidade, morreu em 2009, com 80 anos, não sem antes ter uma vida digna de registro, como veremos à frente.

ELZA E JÚLIO SCALABRINI

Tia Elza e tio Júlio

Em 1953, ano do falecimento do escritor Graciliano Ramos, autor de Vidas Secas, houve o casamento de tia Elza (irmã de Aparecida) e tio Júlio, em Pedregulho. Tiveram seis filhos: José Luiz (Zezinho), Antônio (Toninho) e Paulo; e falecidos ainda crianças, João Sérgio, Wagner e um natimorto. Tia Elza faleceu em 1991 com 61 anos e tio Júlio em 1999 aos 72 anos.

O SEGUNDO CASAMENTO DE JOSÉ GANZAROLI

Em 1953, em Franca, vô José, viúvo, com as três filhas casadas, justamente as que tomavam conta da casa, arrumou uma viagem

para arejar a cabeça. Foi visitar o irmão Modesto Ganzaroli, em Inhumas, no sertão de Goiás - a família de Modesto mora lá até hoje. Era uma viagem apenas afetiva, para rever entes queridos, e "matar" a saudade. Mas durante as andanças pela região, para conhecer seus moradores, os sítios e as lavouras, José encantou-se com uma viúva simpática, educada e sem filhos (os três que tivera morreram crianças, de malária). Foram apresentados e começaram um relacionamento. José, com 65 anos, prolongou sua estadia na casa do irmão, solidificou a relação e pediu a mão de Edwirges Pereira, beirando os 50 anos. Foi aceito. Casaram-se em Inhumas mesmo e voltaram para Franca.

Edwirges Pereira, a sofrida, doce e virtuosa costureira

A chegada de José, com a nova esposa, pegou todo mundo de surpresa. Mas o receio familiar instalado logo desapareceu, quando Edwirges começou a desfilar suas virtudes e boas maneiras. Bondosa e sempre disposta, não obstante a doença de Chagas que a debilitava, costurava e bordava. Toalhas de mesa e fronhas eram ornamentadas. Fazia roupas e remendava.

"Edwirges era costureira de mão cheia e muito atenciosa. Até hoje sinto saudades da minha magrelinha", disse tia Cilica, numa tarde de sábado, 27 de março de 2021, durante a segunda onda da pandemia do coronavírus. Lembrou que Edwirges ajudava bastante as enteadas, dava atenção às crianças e dedicava carinho especial ao caçulinha Cesar. Mas o destino outra vez separou José de uma esposa.

O Mal de Chagas que Edwirges contraíra nas casas de pau a pique em Inhumas, piorou e atacou seu corpo sensível, especialmente o coração. Na tentativa de minorar o sofrimento, mudou-se com o marido para São Paulo, para tratamento no Hospital das Clínicas. Nesse período, viveram sob o mesmo teto de tio Vericondo. Edwirges tinha cerca de 59 anos quando seu coração parou de vez. Corria 1962, ano em que o Brasil festejava a conquista do bicampeonato Mundial de futebol, no Chile. E Jose Ganzaroli ficou viúvo pela segunda vez. Dona Cida contava que o pai queria casar de novo, já com 74 anos. Os filhos não deixaram.

VALTER E MARIA APARECIDA DE OLIVEIRA

Em 1956, ano do nascimento dos atores Mel Gibson e Miguel Falabella, se casaram tio Valter (irmão Alcindo) e tia Aparecida, em Franca. Tiveram quatro filhos: Maria Helena, Ademir, Valter, Izabel (Belinha). Tio Valter, o único são-paulino da família, morreu em 1991 com 53 anos, de cirrose hepática. A família comenta, sem comprovação médica, que a doença teria sido provocada pelo costume dos sapateiros da época, que punham tachinhas (com teor de chumbo) na boca para pregar o solado. Tia Aparecida faleceria em 2018, com 79 anos.

VERICONDO E APARECIDA

Em 1957, que marcou o início da construção de Brasília, nova capital do Brasil, e a estreia de Pelé na seleção Brasileira de Futebol aos 16 anos, é o ano do casamento de Cida (sobrinha de Alcindo) e Vericondo (irmão de Aparecida), em Pedregulho. Tiveram 4 filhos: Maria de Lourdes, Adilson (vítima do coronavirus, em 2021, aos 57 anos), Margarete e Adriana. Vamos falar muito de tio Vericondo, motorista do caminhão de recolher lixo da Prefeitura de São Paulo, e suas incríveis histórias. Uma delas virou filme.

Tia Alzira e tio Giulio

Tia Zenaide e tio Orlando

Tia Tunica e tio Messias

Tio Domingos e tia Cilica

Tia Aparecida e tio Valter

Tia Cida e tio Vericondo

1997: Aurora, Hermenegildo (Gildo), Messias, Vericondo, Irene, Aparecida, Alcindo, Aparecida, Antonia (Tunica), Domercilia (Cilica) e Domingos nas Bodas de Ouro de Aparecida e Alcindo. .

A VIDA DE ALCINDO E APARECIDA

Alcindo com Nilton e Luiz em Pedregulho

Nilton, o primeiro filho

A dinâmica da vida colocou Alcindo e Aparecida em algumas aventuras, em busca de trabalho. Por isso, estavam sempre mudando de casa e de cidade. O casamento estava só esquentando e ele aceitou proposta para administrar uma fazenda em Conquista (MG). O primeiro filho, José Nilton, nasceu lá, em 28 de julho de 1948.

José Nilton ainda usava cueiro (fralda antiga, de tecido), quando o casal entendeu que a aventura em terra mineira não estava saindo como eles esperavam. Melhor era botar o pé na estrada. Uma estrada muito conhecida, que levava a Pedregulho, local de nascimento do segundo filho, Luiz Antônio, em 16 de dezembro de 1949, ano em que os alemães, subjugados por capitalistas e socialistas (Estados Unidos, Inglaterra, França e União Soviética), foram divididos em duas pátrias: a Alemanha Ocidental e a Oriental. Enquanto isso, o nosso bisneto de alemães lidava com a roça. A divisão da Alemanha dele era leite,café, pão, almoço e jantar na mesa.

DRAMAS E PERDAS

Nove meses depois, um grande baque deixaria o casal abalado por muito tempo, com a morte, durante o parto, daquele que seria o terceiro filho. Dele, Aparecida levou, para sempre, uma única lembrança, que saiu da boca da parteira: "que menino lindo". O sorriso voltou ao rosto dos pais com a chegada do quarto filho. Já estavam em Franca, quando nasceu Vicente Paulo, em 12 de abril de 1953, após enorme sobressalto.

O parto de Vicente foi delicado. A parteira, percebendo que o nenê estava ao contrário na barriga da mãe, pediu para chamar um médico. Vicente nasceu pelos pés e chegou a ser dado como morto. Depois de muitas massagens e pancadas que deixaram marcas roxas em seu corpo, enfim respirou e chorou. Com três filhos no currículo, o que já não era pouco, Alcindo conseguiu um emprego na Estrada de Ferro Mogiana, em Indaiá, distrito de Pedregulho. Seguiu na frente, para iniciar seu novo trabalho. A família se deslocou um tempo depois.

O ano de 1954, que marcou o suicídio do presidente Getúlio Vargas, no Rio de Janeiro, então capital da República, e os grandes festejos do 4.o Centenário da cidade de São Paulo, começou decepcionante para Alcindo. A experiência frustrada como ferroviário e a desistência precoce do trabalho, trouxe um pouco de angústia para quem corria atrás da estabilidade. Vicente não tinha nove meses e a família estava de volta ao porto seguro chamado Franca.

Então, de repente, no segundo semestre de 54, uma mudança significativa. Justamente no embalo do seu time, o Corinthians, que conquistaria o título do 4.o Centenário, Alcindo, finalmente, encontrou a profissão definitiva, que exerceria até aposentar-se. Seria um grande pedreiro. Ele tinha aprendido os macetes como ajudante do pai. Mas nunca se viu exercendo a profissão. Queria fazer outra coisa. A necessidade, entretanto, obrigou-o a pensar duas vezes. Iniciou bem o novo oficio. Ficou tão à vontade que

levou o irmão Gildo para a nova atividade. Logo, logo a dupla tornou-se independente e começou a construir casas de boa qualidade. Pedro Croisfelt, o pai professor, havia aprendido o ofício nas fazendas por onde passou, levantando moradias para os colonos.

Cesar e Vicente

Em Franca, em seis de julho de 1956, nasceu Cesar Pedro, o quinto filho, de parto sereno e tranquilo. O Cartório, atrapalhado, registrou Croisfet (engoliu o L). O irmão Nilton tinha sido registrado com um S a mais (Croisfelts).

NA AVENTURA, NASCE A PRIMEIRA MENINA

Alcindo também tinha suas inquietações, que naquele tempo chamavam de "cabeçadas". Em 1958, com o dinheiro que ganharam levantando casas, Alcindo e Gildo formaram uma sociedade com o pai na compra de umas terras em São José da Bela Vista. Estavam realizando o desejo de plantar café, que povoava a cabeça dos filhos de imigrantes. Juntaram-se Pedro e Maria Betiatti, Gildo e Aurora, Alcindo e Aparecida e os meninos. Construíram as casas que ocuparam. Aparecida diz ter passado bons momentos naquele lugar. Afinal, ali nasceu sua primeira filha, Regina, em 6 de outubro de 1958.

Quando a menina branca como prata nasceu, o Brasil ainda estava ofegante pela inédita conquista do título mundial de fu-

tebol, na Suécia. Em 29 de junho, a seleção nacional goleou os suecos e o país veio abaixo. Só se falava em Gilmar, Bellini, Nilton Santos, Zito, Garrincha, Didi, Vavá, Mazzola, Pelé e Zagalo.

Tivesse nascido homem, certamente teria sido batizado como Gilmar, um dos campeões do mundo e goleiro do Corinthians. Afinal, o nome era atraente e o pai corintiano. Antes que alguém sugerisse Gilmara ou coisa semelhante, dona Cida encerrou as especulações e anunciou que já tinha escolhido Regina Maria.

Decidiu-se que ela seria batizada no domingo seguinte, com apenas sete dias de vida, o que não era recomendável para os padrões daqueles anos. Antes de completar sete dias, as mães não expunham os bebes, com receio do chamado "mal dos sete dias". É que durante o parto, o cordão umbilical era cortado com uma tesoura caseira, provocando, às vezes, a ocorrência de tétano.

Para piorar o cenário, e tornar o batizado dramático, não contavam com o falecimento do papa Pio XII, no meio da semana, na distante Roma, sede do Vaticano. Rumaram para a matriz de São José da Bela Vista, Regina no colo dos padrinhos Giulio e Alzira, balançando numa charrete. Ao chegar, encontraram a igreja lotada e enfeitada em homenagem a Pio XII. Entraram tímidos, receosos, "meu Deus, o que está acontecendo" até Regina ser descoberta. Formou-se uma enorme roda em torno do bebê, com todo mundo querendo vê-la e saber de quem era filha. Depois que a igreja esvaziou e o padre conseguiu se organizar, deu-se o sacramento. Dona Cida e Alcindo não foram ao batizado. Recuperando-se do parto, ajudada por tia Aurora e a sogra, preparou comida para oito adultos e cinco crianças. No fogão à lenha, frango na panela, polenta e macarrão. O pai, para festejar a chegada da filha, providenciou vinho de garrafão.

O DRAMA DA SECA E O FEITO DE ABÍLIO

Mas 1958 foi um ano intenso e estava longe de acabar tanto para o Brasil como para a família Croisfelt. O nadador ribeirão-preta-

no Abilio Couto (1924+1998) conseguiu dividir as glórias esportivas com a seleção brasileira ao se tornar o primeiro sul-americano a atravessar o Canal da Mancha, no sentido França-Inglaterra. Brigando com as ondas, a uma temperatura entre 16 a 20 graus, Abílio nadou 33 km em 12h45m. O prestígio de celebridade lhe rendeu capa da revista O Cruzeiro, de maior tiragem no pais, ao lado de Pelé e Maria Esther Bueno, a tenista que tinha vencido o Torneio de Wimbledon, em Londres. Pelé com o uniforme do Brasil, Maria Esther de branco (como determina até hoje o regulamento do torneio inglês) segurando uma raquete e Abílio de pé-de-pato e óculos de natação. Foram considerados os esportistas da temporada. No ano seguinte, Abílio, em grande forma, faria o percurso Inglaterra-França.

Os Croisfelt, enquanto isso, experimentaram o gosto de ressaca do insucesso. Ano de seca, o sol ardeu em excesso, queimou a lavoura e provocou um estrago no cafezal, pondo fim ao sonho de ver o café em coco espalhado e secando no terreiro. Boa parte do dinheiro foi embora. Venderam o sítio, valorizado pelas novas construções, cada um pegou a sua parte e voltaram para Franca.

Quando ocorre uma queda, não há remédio melhor do que levantar em seguida e encarar as adversidades de frente. Nem haviam se instalado direito em suas novas casas, Alcindo e Gildo receberam convite irrecusável de Valter, o irmão mais novo. Com o que restou do capital, compraram uma fábrica de calçados. Alcindo se apegou a outra linha de sobrevivência. O bom pedreiro estava adormecido. Pesquisa do Instituto Teuto-Brasileiro William Dilly, de Juiz de Fora (MG), anota que Hans Christian Jurgen Kreutzfeldt (bisavô de Alcindo, Gildo e Valter) era sapateiro em Holstein (hoje estado alemão).

NASCE CÉLIA

Chega 1960 e entre sapatos, solados e tachinhas o ano flui para Alcindo e Aparecida. Em 21 de abril, a repercussão da inauguração

de Brasília, pelo presidente Juscelino Kubischeck, ecoou pelo país como sinal de bons tempos e oportunidades. A nova capital, construída em menos de quatro anos, na vastidão do planalto central de Goiás, foi motivo de orgulho para a arquitetura brasileira, que revelou ao mundo o talento de Oscar Niemeyer (1907-2012).

Alcindo e Aparecida também apresentariam sua sétima arquitetura em 31 de dezembro, último dia 1960: o nascimento de Maria Célia. Outro parto complicado e o primeiro que se deu em hospital. Quando a parteira percebeu que a criança estava sentada na barriga da mãe, pediu que fosse levada com urgência para a Santa Casa.

A opção era cesariana, mas Aparecida chegou em adiantado trabalho de parto e Célia, mesmo assistida por médico, nasceu com poucas chances de sobreviver. Tanto é, que para não morrer pagã, foi imediatamente batizada pelas freiras que davam assistência na Santa Casa, com o nome de Maria Cristina, em homenagem ao nascimento de Cristo, comemorado uma semana antes.

Com o passar de horas cruciais e dias um pouco mais calmos, Maria Cristina mostrou-se forte. Seu corpinho frágil reagiu e ela ficou bem. Alívio geral. Inclusive para a saúde da mãe, que correu sérios riscos. O problema, agora, era o nome. Aparecida já tinha escolhido Célia e não abria mão. Assim, coube aos sisudos cartorários lavrar o novo registro.

O parto, entretanto, deixou ligeira sequela logo corrigida: soltinha no berço, a recém nascida batia os pezinhos na cabeça, em movimentos naturais, em razão de sua posição fetal, durante nove meses. Por isso, passou bom tempo enfaixada, até que os pés se acalmassem na nova posição. E se acalmaram mesmo, para a felicidade de sua cabecinha, que se livrou dos chutes.

DE VOLTA ÀS CONSTRUÇÕES E RENÚNCIA DE JÂNIO

Chega 1961. Nos primeiros meses do ano, Alcindo continuou sócio da fábrica de sapato, mas deixou em seu lugar como aju-

dantes aprendizes, Nilton e Luiz. Na verdade, sentiu que precisava reforçar o "caixa" para enfrentar os gastos em casa e voltou ao ramo de construções. Gildo, o parceiro, continuou na firma. Não podia deixar Valter sozinho.

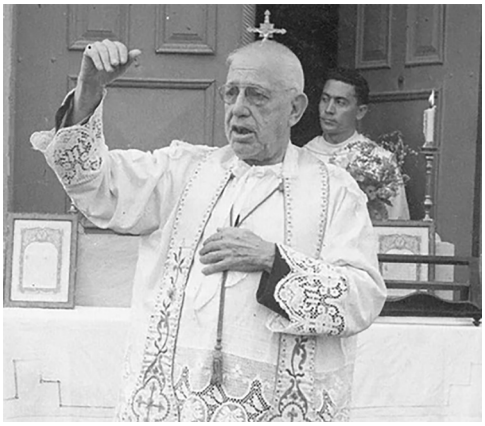
Luiz, com 12 anos, já trabalha na fábrica de calçados

Na Europa, enquanto isso, iniciou-se a construção de um muro para separar a Alemanha Ocidental da Oriental. O muro de Berlim foi levantado em tempo recorde e permaneceria em pé 28 anos. Chegou aos 155 quilômetros de extensão e 3,5 metros de altura.

No Brasil, sem que se soubesse os motivos verdadeiros, o povo foi surpreendido pela renúncia do presidente Jânio Quadros, em agosto, oito meses depois de ter tomado posse. Ele, que tinha sido eleito usando uma vassoura como símbolo de exemplo administrativo, prometendo varrer a bandalheira, anunciou que "forças ocultas" o impediram de trabalhar pelo país. Ninguém deu muita bola para seu desatino e o cargo foi ocupado pelo vice Jango Goulart.

O ano de 1962 chegou com motivos para muita festa e Carnaval fora de época. No dia 17 de junho, mesmo sem Pelé, machucado, o Brasil venceu a Tchecoslováquia por 3 a 1 e conquistou o bicampeonato mundial no Chile. A euforia que se seguiu incrementou a melhoria dos negócios no país. Ótimo, porque também se vendeu mais sapatos.

MILAGRE DO PADRE DONIZETTI



Padre Donizetti foi beatificado pela Igreja Católica em 2019

Mas junto com a alegria do futebol, Alcindo, que já vinha sentindo incômodos, passa a ter muita dificuldade para urinar. Os médicos de Franca, após exames, detectam problemas considerados graves e iniciam o tratamento. Pouco depois, com a análise das radiografias, emerge uma péssima notícia: com um quadro de piora acentuado, Alcindo corria o risco de retirada da bexiga no Hospital das Clínicas, em São Paulo. Assustado, seguiu o tratamento, rezou muito e tomou a decisão de pedir ajuda ao padre Donizete, famoso pelos milagres que operava em Tambaú (SP). Suas bênçãos, no fim da tarde, eram ouvidas em todo o Brasil. Principalmente por Alcindo.

Em pouco mais de três meses, o que se sabe, dito várias vezes pelo paciente, é que houve melhoras. O sangramento na urina diminuiu bastante e ele se sentia mais aliviado. Alcindo, então, num dos retornos ao hospital, quis saber se precisaria mesmo ir para São Paulo. Após exames mais apurados, deu-se a surpresa. Os médicos, meio incrédulos com sua recuperação, descartaram a viagem e disseram que ele estava bem, quase recuperado. Deveria manter o tratamento. Feliz e agradecido com o que chamou de milagre, viajou para Tambaú e deixou seu depoimento gravado na rádio local, sobre a Graça recebida. Mas sua gratidão ao padre Donizete ainda tinha uma pendência. Logo, chegaremos lá.

VICENTE NO SEMINÁRIO MARIA IMACULADA

Vicente, entre dois colegas, no seminário Maria Imaculada

Em 1963, intensificou-se no Brasil o desejo de derrubar o presidente Jango Goulart. Mas também havia os que o defendiam. Num momento conturbado, com os militares abespinhados, a gaúcha Ieda Maria Vargas tornou-se a primeira brasileira a conquistar o título de Miss Universo, em Miami Beach (EUA).

Entre os Croisfelt, Vicente, então com 10 anos, sem fazer juízo do que estava se passando, tomou uma das melhores decisões da sua vida. Um amigo da família, Ary Pedro Balieiro, fez votos de encaminhar algum menino para se tornar padre. Era um compromisso, em forma de promessa, que tinha assumido. Como na casa de Alcindo o que não faltava eram meninos, o convite foi extensivo a todos. Os primeiros convidados, Nilton e Luiz, recusaram. Cesar, sete anos, foi descartado, e Vicente aceitou cursar o Seminário Maria Imaculada, em Brodowski (SP).

No início de 63, Alcindo, trabalhando duro, sem ter ninguém para levar o filho, combinou com o chefe do trem, na estação de

Franca, que o menino deveria desembarcar no seminário, onde tinha uma pequena plataforma. Ia estudar para padre, reforçou, arrancando admiração do ferroviário trajando vistoso uniforme da Companhia Mogiana. Ajeitado num banco de madeira da segunda classe, com um lanche que a mãe tinha preparado, lá foi ele. Vicente chegou arrastando uma mala enorme, no momento em que os novos seminaristas se despediam dos seus familiares, em meio a choros contidos e forte emoção. Sua aparição, inusitada e improvável, causou espanto. Os padres tentaram corrigir a expressão facial de rigorosa surpresa e receberam o menino com a naturalidade que foi possível. "Vai que esse moleque vira bispo!"devem ter pensado.

CAÇULINHA NASCE ENORME

Doni nasceu com 4,8 quilos e 56 centímetros

Em Franca, o nascimento do caçulinha da família, em seis novembro de 1963, coincidiu com um acontecimento que abalou o mundo. No dia 22, o presidente dos Estados Unidos, John Kennedy, foi assassinado em Dallas, no Texas, por um franco-atirador. O menino nasceu com 56 centímetros e pesando 4,8 quilos, "bem grande", reconheceu o médico. O parto na Santa Casa, às duas horas da madrugada, foi difícil. Aparecida teve dificuldades, mesmo com a cesariana de urgência autorizada. O bebê nasceu com

muita saúde e fez sucesso no berçário do hospital. Até uma rica família árabe, que só tinha meninas, insistiu em adotá-lo. Sorte deles que dona Cida estava sedada e longe do pau de macarrão. O nome de batismo revelou a outra dívida com o padre de Tambaú: Alcindo Donizete, que homenageou o intercessor do milagre e o pai que recebeu a Graça.

Aparecida, devido a complicações pós-parto, não teve leite suficiente para amamentar Doni, e contou com a prestimosa colaboração da irmã. Portadora de leite farto, tia Aurora deu conta de amamentar dois meninos, Paulo e Doni, reservando um seio para o filho e outro para o sobrinho. A dedicação de tia Aurora foi além: morou bom tempo na casa da irmã, acamada, para cuidar dela e de dez crianças (sete de Cida e três dela). Tio Gildo também ajudou. Ficou em casa sozinho e nunca ouviram ele reclamar.

SETE CRIANÇAS DO AMOR

São muitas as histórias, engraçadas ou não, da fase criança dos filhos de Alcindo e Aparecida. Algumas, de tão lembradas, tornaram-se oficiais. Começamos pelos mais velhos, Nilton e Luiz. No retorno de Conquista (MG), Nilton quase um ano, conheceu os tios, irmãos da mãe, e aprendeu o nome de todos, com exceção ao de Vericondo. Decidiu pelo mais fácil: chamá-lo Tóto. O apelido pegou.

Em Pedregulho, a gata da família deu cria. Vó Maria Betiatti preocupada com os filhotes, pediu para colocá-los na privada, para protegê-los do frio mas que não esquecessem de tapar o buraco. Os meninos, por perto, ouviram o pedido. Mais tarde, escutaram miados fortes, a gata desesperada a procura deles. E lá vem Luiz, batendo as mãozinhas e dizendo: "ponto! Já jodei os datinhos". Proativo, cumpriu logo a missão. Só que ao contrário! Não teve salvação para os bichinhos.... Nilton, que era um pouquinho maior, chorava e falava: o Luiz jogou os filhotinhos na privada.

Na escola, Luiz era nota dez nas disciplinas e zero em comportamento. Vivia às turras com alguns meninos e, dono de um soco forte, as vezes fazia sangrar o nariz dos pequenos. O que gerava reclamações constantes na porta de casa. O interessante, é que nunca ninguém sabia quando ele levava a pior. Porque se chegasse em casa chorando, apanharia de novo.

Teve até a história de dois irmãos que estavam sempre em atrito com ele, e a mãe, zangada, aparecia no portão para reclamar. De tão brava, tirava a dentadura para se fazer ouvir de forma mais clara. Um dia, dona Cida, que não costumava perder a calma, não

aguentou. Queria dar com uma colher de pau que ela usava para fazer sabão. Por sorte, o pai estava lá nesse dia e interveio.

Nilton e Luiz, na adolescência, sonhavam em ficar fortes. Com a ajuda do pai, que fez os pesos, improvisaram uma academia ao ar livre e treinavam nos fins de tarde, sábados e domingos.

VIKINGS ? Luiz, ao lado de um amigo, treina pesos com Nilton

VICENTE E CESAR

Vicente só deu trabalho para desmamar. Já grandão, não aceitava outro alimento e queria viver grudado no peito da mãe. Cuspia tudo que punha na boca. Contava-se também que quando ficava quieto no chiqueirinho (um caixote de madeira feito por Alcindo) era certeza de estar lambuzado de merda até a cabeça. "Não tinha por onde pegar ", dizia dona Cida.

Cesar era tranquilo. Depois do jantar, com a barriguinha forrada, costumava sair de cena despercebido. Dona Cida, ao notar sua ausência, ia encontrá-lo dormindo. "Ele não deu trabalho nem para nascer". Mas um dia, ficou nervoso e derrubou uma enorme tábua de andaime sobre a boneca de louça da Regina. Não deu nem para juntar os cacos. Foi de propósito, ele confessou, para jogar bola no quintal sem meninas por perto.

REGINA E CÉLIA

Regina e Célia, as princesinhas da casa

As meninas também têm histórias. Celia nasceu com quatro quilos, maior que a irmã, mas experimentou um crescimento lento e gradativo. Com um ano, ela pesava só sete quilos. Demorou para andar mas falou cedo, e muito bem. Como a mãe não conseguia alimentá-la direito, colocava pouco leite na canequinha e ela já protestava: um pingo, não! Com cara de enjoo, pegava o pão, enfiava todo na caneca, dava uma mordidinha e não queria mais. A cena se repetia, giorno doppo giorno. Um giorno, dona Cida perdeu a paciência e obrigou-a a comer tudo. E ela comeu, na marra. Com o tempo, Célia entrou nos eixos.

Regina era a "fominha". Tia Aurora, vizinha, ia passar apurada. É que Regina ainda mamava no peito quando dona Cida engravidou da Célia. Tia Aurora tinha Nice, pequena, e com muito leite amamentava a sobrinha. A mãe, preocupada em desmamá-la, pediu para tia Aurora evitar suas visitas. Desde então, tia Aurora se escondia na casa da sogra para amamentar Nice. Buscando pela tia, em todos os lugares, Regina foi encontrá-la na casa da vó Maria Bettiati. Tia Aurora tentou se esconder, mas ela viu e ficou doente. As "mamadas" escondidas continuaram por algum tempo.

DONI

Doni era um garotinho encantador e, por isso, atraía admirações, entre elas a de uma vizinha que costumava fazer suas vontades.

Dona Cida, ocupada com a prole gigante, nunca recusava ajuda. E Doni, com apenas dois anos, decidiu morar na casa da vizinha. Autorizado pela mãe, foi arrastando seu bercinho até onde conseguiu. A fuga terminou na calçada, quando, sem forças para atravessar a rua, desistiu. Provocou gargalhada geral.

TALASSEMIA

Alguns dos filhos de Alcindo e Aparecida não herdaram apenas o tipo sanguíneo RH negativo mas também a talassemia, que não causa maiores problemas, a menos que haja laços consanguíneos. O casamento entre talassemicos pode gerar uma criança com grau maior da doença, com necessidades de transfusões de sangue e outros cuidados. Na família são talassemicos Regina, Célia, Carolina, Talassemia Ntah, Isabella, Fernanda, Claudinha e, agora o Ryan, chegando na quinta geração.

Essa característica é originária de pessoas que nasceram próximas do mar Mediterrâneo, em nosso caso, os antepassados italianos. É uma falha genética que leva a uma malformação da hemoglobina, as células vermelhas. Se apresentam em graus diferentes e provocam a anemia e algumas características diferentes na hemoglobina, que é verificada no exame sanguíneo. Para confirmação do diagnóstico é necessário um exame mais específico chamado eletroflorese de hemoglobina. Trata-se de uma doença hereditária que não poupa geração.

A primeira a descobrir a doença foi Célia, que para trabalhar na área da saúde precisou fazer exames mais específicos. Quando ela e Osmar resolveram se casar e fizeram os exames pré-nupciais, o dele também deu positivo, provocando uma situação bastante tensa. Um outro exame, felizmente, revelou o erro do primeiro.

TEMPOS DIFÍCEIS COM MORTE E MUDANÇA

No primeiro dia de abril de 1964, os militares derrubaram o presidente João Goulart e assumiram o controle do governo. O marechal do Exército, Castelo Branco, foi nomeado presidente. A crise administrativa que o Brasil atravessava, se refletia na economia. A fábrica de calcados ia mal.

Alcindo e Aparecida lutavam com dificuldade. Ocupações não faltavam, mas, mesmo assim, encontravam tempo para o que hoje chamamos de trabalho solidário. Naquele tempo, farmácias eram poucas e caras, às vezes, distantes. Por isso, pessoas que levavam jeito e tinham família grande, aprendiam a dar injeção, tinham estojo com agulhas e seringas em casa. Alcindo e Aparecida possuíam essa habilidade e disposição física para prestar ajuda aos necessitados. Quando preciso, saiam à noite ou de madrugada para socorrer alguém. Também cortavam cabelo de adultos e crianças que não tinham como frequentar barbearias.

MORRE PEDRO ALEMÃO

Pedro Alemão, aos 72 anos, morre em Franca

O ano de 1965 levou pessoas queridas e importantes como o cantor Nat King Cole; e Stan Laurel, o Magro da dupla com o

Gordo. E no dia 25 de abril, um domingo, Pedro Alemão. Seu coração, que não andava bem, parou de vez. Tinha 72 anos. Ele caiu no banheiro e desabou sobre a porta. Quando foi socorrido já não havia o que fazer. Maria Betiatti tinha ido à missa e, quando chegou em casa, soube que estava viúva. Maria, a cabeça pensante da família, reagiu com firmeza e estabilizou as emoções.

Naquele tempo, Maria e Pedro moravam com Alcindo, ocupando um cômodo da casa. Com a morte do pai, os Croisfelt, enlutados, tocaram o barco até o final do ano. Chegou 1966 e os negócios continuaram ruins. Eles lutaram até no limite da prudência para manter a fábrica funcionando mas nós primeiros meses a fábrica faliu. Estavam sem dinheiro e endividados. 1966 também foi triste para o mundo, com a morte de Walt Disney, o criador de Mickey, Pateta, Pato Donald, Tio Patinhas.

A situação era tão crítica, que até mesmo a inseparável máquina de costura da família, para ser preservada, foi escondida na casa de um vizinho. Alguns credores queriam confiscá-la. A máquina Leonan foi companheira de dona Cida até o fim da vida. Aprendeu sozinha, premida pelos deveres básicos de uma dona de casa em tempos duros. Chegou a costurar até mesmo vestido de noiva, o que não era uma atribuição simples. Assim, aborrecidos com os acontecimentos, sem perspectiva nenhuma em Franca, Alcindo e Aparecida decidem mudar para São Paulo.

ABRIL DE 1967, MUDANÇA PARA SÃO PAULO

Em abril de 67, quando Alcindo chegou em São Paulo, com dona Cida, Cesar, Regina, Célia, Doni e algumas malas, mandava e desmandava no país o presidente militar Arthur da Costa e Silva. A boa notícia era que um de seus filhos, Luiz, já estava lá, devidamente empregado. Nilton, servindo o Tiro de Guerra, permaneceu em Franca, morando na casa do tio Valter e Vicente, interno no seminário de Brodowski, seguia os estudos. A família enfrentou doze horas de trem. Saíram às 19h e chegaram às 7h da manhã na mitológica Estação da Luz.

Reunião de Natal na casa do Gildo e Aurora, no Sacomã (SP)

Luiz viajou antes porque havia terminado o curso de torneiro mecânico na Escola Industrial de Franca e foi morar com tio Vericondo, no Morumbi. O diploma da Escola Industrial tinha grande valor e ele não teve dificuldade em arrumar emprego. Nilton só viajaria para São Paulo no final do ano, após baixa no serviço militar.

Mas Alcindo, Cida e os filhos não chegaram a São Paulo ao deus-dará. Eles foram recebidos por tio Oscar, irmão caçula de Pedro Alemão, residente na Vila Formosa há vários anos. Foi tio Oscar quem ajudou encontrar o local onde a família iria morar. Tio Oscar residia não muito longe e, por isso, aos domingos, a família ia visitá-lo e ver televisão. Coincidia sempre com as lutas de Ted Boy Marino.

Alcindo foi na frente e tio Gildo chegou em seguida. As duas famílias se juntaram sob um mesmo teto, enquanto Gildo procurava casa para alugar. Os dois quartos foram divididos. Tio Gildo, tia Aurora, Carlos, Nice, Paulo e Hermes, ainda nenê, se instalaram em um deles. Somavam-se treze, cinco adultos, oito crianças e um só banheiro. Os adultos dormiam em camas e o restante em colchões no chão, atravessados, para não tomar muito espaço. Mas ninguém se importava com isso. Para a felicidade das crianças, a estadia de tio Gildo e tia Aurora se estendeu por

algum tempo. Quando tio Gildo alugou a casa, deu-se uma tristeza enorme. Por sorte, ele continuou vizinho. Menos mal.

Morávamos na divisa com o muro do 1.o Grupo Escolar da Vila Formosa, em frente ao ponto final de ônibus. A barulheira de motor ligado e cheiro de óleo diesel começavam cedo, por volta das 5h. A vizinha mais próxima era dona Esther, professora que deu aulas para Regina e Célia, no terceiro ano. E na sequência, ficava a casa da diretora da escola, dona Cida, casada com Oliveiros, amigos da família desde os tempos de Franca. Eram pais de Antônio Sérgio, o melhor amigo de Cesar. Por falar em meninos, nos finais de semana, eles pulavam o muro para jogar bola na quadra da escola.

Oliveiros mantinha uma empresa de ferragens em casa. Foi o primeiro emprego de Cesar. Lá, ele fazia um pouco de tudo, separava os pedidos e acompanhava o irmão de Oliveiros nas entregas. Com pouca idade (13 anos) conheceu os cantos mais remotos de São Paulo e se orgulhava disso.

Nessa época, havia armazéns de secos e molhados e mercadinhos. Frutas, verduras e legumes eram comprados na feira livre. Dona Cida lotava um carrinho de banana e laranja e voltava para comprar legumes. As compras, em cadernetas, pagas ao final de cada mês, com direito a um brinde (lata de marmelada) eram feitas no armazém do Antenor, a cem metros. Quando faltava alguma coisa, dona Cida pedia ajuda às crianças. A vontade de sair às ruas era tanta, que de tão afobadas, esqueciam o que tínham ido buscar.

Na casa da Vila Formosa tornou-se famoso e, por isso, constantemente lembrado, um caso ocorrido com Doni, só cinco aninhos. Ele estava no banheiro e, quando quis sair, a fechadura da porta, que sempre dava problemas, emperrou. Agora, houve preocupação. O menino não tinha força para desativar o trinco e o impasse gerava aflição. Alcindo tinha decidido arrombar a porta, o que provocaria danos na casa. De repente, sem que ninguém fizesse nada, a porta se abriu e Doni saiu tranquilo. A mãe, alivia-

da e orgulhosa do filho inteligente, quis saber o que ele tinha feito. Sem titubear, com naturalidade, ele respondeu: o vovô abriu. Detalhe: os dois avós já tinham falecido. José Ganzaroli, um deles, morreu e foi velado na casa.

Ah! Tem o caso do Tico, o vira-lata abandonado no jardim da casa de dona Cida. Os menores, Doni e Célia, ficaram empolgados, mas o pai não aprovava a adoção. Tico tinha um pequeno defeito na boca que dificultava sua alimentação e esse detalhe mexeu com o coração de todos e fez com que fosse incorporado à família. Um bela tarde, Tico escapou no momento exato em que ia passando a temida carrocinha, que recolhia cachorros de rua e levava para fazer sabão, segundo o folclore da época. E Tico foi laçado. Os meninos saíram correndo, apavorados – Regina, Cesar, Celia e Doni. Os menores choravam. Dois quarteirões à frente, do nada, surgiu Alcindo de volta do trabalho. Ele viu tudo, conversou com dois homens e Tico foi libertado. Mas o cachorrinho amanheceu morto dois dias depois, muito provavelmente em decorrência dos ferimentos que recebeu ao ser laçado. O corpo de Tico foi enterrado no quintal. Doni, que estava na casa de uma tia, ao voltar já não encontrou mais o amiguinho. Ficou desesperado, queria desenterrá-lo. Deu um grande trabalho.

Nilton e Vicente seguram Doni

Cesar e Luiz

Cesar

Regina

Celia

Doni

EZELINDA BRILHA NA TEVÊ E É MANCHETE

Ezelinda, irmã de José Ganzaroli, com o marido Carlo Limonta.
e as gêmeas Olga e Iolanda. Tiveram 24 filhos, quatro gêmeos.

Os Croisfelt já estavam há um mês em São Paulo mas não viram e nem ficaram sabendo que Ezelinda Ganzaroli, aos 87 anos irmã de José e tia de Aparecida, tinha sido a principal convidada de um programa de TV em homenagem ao Dia das Mães, em 14 de maio de 1967. Durante mais de uma hora, em blocos, ela contou sua vida à apresentadora Hebe Camargo, no Canal 7. Ezelinda, que teve 24 filhos e já viúva há cinco anos de Carlos Limonta, tinha na época, 85 netos, 129 bisnetos e um tataraneto. Dos filhos, sete estavam mortos, e sobre quem se recusou a falar, quando perguntada. A conversa, mesmo dificultada pela audição de Ezelinda, emocionou os telespectadores. Três filhas lhe fize-

ram companhia, entre elas Maria, residente na Vila Gustavo, em São Paulo.

Maria, que lhe deu oito netos, contava que a mãe se irritou com algumas perguntas da apresentadora e ameaçou ir embora. Uma delas, e que a deixou perturbada, foi como conseguia dar banho em tantos filhos e mantê-los limpos, num pedaço de terra empoeirado, na distante e desconhecida Igaçaba, distrito de Pedregulho. "Quem sabe dos banhos dos meus filhos, sou eu", teria dito. O que Hebe não sabia, e muito menos o Brasil, era que um menino nascido também numa fazenda em Igaçaba, de nome Orestes Quércia, que tinha sido vereador em Campinas, acabara de assumir uma cadeira na Assembleia Legislativa de São Paulo, aos 29 anos, na sua corrida para chegar ao governo do Estado e ao Senado da República. As famílias Ganzaroli e Quércia eram vizinhas.

Mas às homenagens a Ezelinda Ganzaroli começaram no sábado, 13 de maio, em forma de manchete na página dez do jornal O Estado de São Paulo, com o título "24 presentes para mamãe", reportagem que antecipava quase tudo o que ela diria no dia seguinte para Hebe Camargo.

O repórter contou que a menina que veio da Itália com oitos anos e se casou aos 17 anos e três meses, já cega pela catarata, tinha "a cabeça totalmente branca, ouvia muito pouco, mas conservava uma lucidez espantosa". Os filhos (onze homens e seis mulheres estavam vivos), nasceram quase todos em Igaçaba e em Franca. Os homens formaram uma equipe de futebol e a convite de Getúlio Vagas, presidente do Brasil, foram ao Rio de Janeiro disputar uma partida, apresentados como o "time dos onze irmãos". Só uma não casou: Iolanda, a gêmea de Olga, as caçulas, que nasceram quando ela tinha completado 48 anos.

Ezelinda contou ao repórter que nunca teve problema com os partos, todos naturais, quatro deles com gêmeos, assistidos pelas vizinhas e uma parteira. O primeiro filho nasceu no dia de Santo Antônio e ficou fácil escolher o nome. Amamentou a todos no seio, valendo-se pouco do leite das vacas que mantinham em

suas terras. Poucas vezes ficou doente e a primeira injeção só tomou aos 82 anos em razão de uma gripe muito forte, que deixara as filhas preocupadas. Admitiu publicamente que gostava do marido Carlos Limonta, contrariando informações familiares, e que se pudesse escolher, casaria de novo com ele, também imigrante italiano. Sonhava reunir toda a família, mas sabia ser quase impossível. ”Tenho gente espalhada pelo Brasil inteiro”. Dos vivos, não sabia de quem gostava mais”. Ezelinda Ganzaroli morreu no dia 20 de maio de 1972, aos 91 anos.

UMA PRIMA NA TV

Não só por tia Ezelinda, o sobrenome Ganzaroli, nos últimos 20 anos, ganhou projeção nacional no meio artístico, em razão do sucesso da apresentadora e uma das preferidas de Silvio Santos no SBT, Helen Ganzaroli. E todos querem saber a mesma coisa: o que somos de Helen... Ela é nossa prima mais popular, neta de Jacinto Ganzaroli, irmão de José. A família é de Lins.

VICENTE TROCA O SEMINÁRIO PELA ECONOMIA DA USP

Estamos no frenético ano de 1969. No Maracanã, Pelé marca seu milésimo gol (do total de 1282 ao longo da carreira), na vitória de seu time, o Santos, sobre o Vasco da Gama por 2 a 1. Com a eleição pelo Congresso Nacional, do presidente Emílio Garrastazu Médici, a ditadura no Brasil se torna mais agressiva. Depois de serem presos, Gilberto Gil e Caetano Veloso exilam-se em Londres. Também em 69, o conjunto inglês The Beatles cantou pela última vez, tendo como palco o topo do prédio da Apple Records, em Londres.

Vicente passava as férias em São Paulo. Para garantir uns trocados, ajudava numa banca de feira de um comerciante de banana. Por esta época, tinha terminado o primeiro clássico, em Brodowski, e anunciou para a família que não voltaria mais para o seminário. A ideia de se tornar padre estava sepultada. Matriculou-se na Escola Plínio Barreto e completou o segundo ano. Em 70, fez o terceiro Clássico e, no final do ano, sem nenhum outro reforço preparatório, tentou ingressar na Faculdade de Economia da USP. Usando a carga de conhecimento que recebeu como seminarista, passou em segundo lugar. Brincando, lembrava que "só um japonês tinha chegado na sua frente". Em 71, ano em que Pelé se despediu da seleção brasileira, no empate de 2 a 2 com a Iugoslávia, no Maracanã, Vicente, com 17 anos, começou a frequentar a USP.

MORRE JOSÉ GANZAROLI

Ainda em 69, morreu José Ganzaroli. Viúvo, vô José passava um tempo na casa de cada filho e acabou adoecendo com gravi-

dade quando estava na companhia de Alcindo e Aparecida. Passou a exigir cuidados especiais. Aparecida e Aurora cuidavam do pai como podiam, mas o câncer de próstata levou José embora no dia 30 de outubro, aos 81 anos. Faleceu em casa, em São Paulo, onde houve o velório. Seus restos mortais estão no cemitério de Vila Formosa, e a sua história, bonita, felizmente, está preservada neste livro.

José Ganzaroli

Cesar, com um dos tímpanos perfurado, passa por cirurgia para interromper infecções preocupantes e recuperar a audição. Foram quase trinta dias internado no HC de São Paulo. Com a recusa de consumir a comida do hospital, a mãe levava o almoço diariamente, pegando três conduções na ida e três na volta. César continuou com o ouvido direito prejudicado.

1972, CASAMENTO DE JOSE NILTON E ANNA

Em 1972, com vários fatos relevantes, entre eles, o primeiro campeonato mundial de Fórmula-1 de Emerson Fittipaldi e a queda do avião uruguaio que levava uma equipe de rúgbi para jogar no Chile. Os sobreviventes, isolados no topo da Cordilheira dos Andes e dados como desaparecidos, tiveram que comer carne humana para sobreviver. Virou filme – Sobreviventes – de

grande repercussão. Foi o ano do casamento de José Nilton, o primogênito.

15 de julho de 1972 - Alcindo, Aparecida, Nilton, Anna, Aparecida e José Benedicto

Ele conheceu Anna Maria de Toledo Leme durante um passeio em Santos. Ela, natural de Bragança Paulista, morava no bairro paulistano de Tucuruvi. O namoro e o noivado duraram três anos. O casamento se deu em 15 de julho, duas semanas antes de Alcindo e Aparecida celebrarem 25 anos de casamento.

Nilton, 24 anos, torneiro mecânico, e Anna, 23, costureira desde muito cedo, alugaram uma casa também no Tucuruvi. Em 76, Nilton se mudou com a família para Ribeirão Preto. Trabalhou na Dabi Atlante, equipamentos odontológicos e na famosa loja Miyasaka. Com os japoneses, aprendeu a consertar máquinas fotográficas. Mais tarde abriu uma oficina e formou grande clientela. Anna teve loja de roupas e fantasias que ela mesmo confeccionava. E fez parte da política partidária. Em 1982, recebeu em sua casa, no Quintino Facci II, Lula, candidato a presidente, e o médico sanitarista Antônio Palocci Filho. No embalo do surgimento do Partido dos Trabalhadores (PT), Anna lançou-se candidata a vereadora. Foi valente e ajudou a desbravar o partido que engatinhava. Anos depois, Lula seria presidente do Brasil duas vezes

e Palocci, prefeito de Ribeirão em dois mandatos e ministro da Economia. Nilton e Anna tiveram três filhos, Henrique, Paulo e Ana Helena. Eles sempre ajudaram o pai e a mãe na costura e na oficina. Henrique, psicólogo, na eleição presidencial de 2018, foi candidato a deputado estadual pela REDE (Rede Sustentabilidade), viabilizado pela ex-senadora Marina Silva.

1972: BODAS DE PRATA DE ALCINDO E APARECIDA

Em pé Doni (menor), César e Vicente. Sentados, Regina, Aparecida, Alcindo, Nilton, Anna e Célia

Em 31 de julho, em São Paulo, Alcindo e Aparecida comemoram Bodas de Prata com direito a festa surpresa. Os filhos acompanharam os pais numa cerimônia religiosa domingo cedo. De volta para casa, depararam com a recepção preparada pelos irmãos Gildo, Vericondo, Aurora, Domingos e as cunhadas Cida e Cilica.

NASCE O PRIMEIRO DOS 15 NETOS

O ano de 1974 começou com uma grande tragédia. O incêndio no edifício Joelma, de 25 andares, em São Paulo, deixou 191 mor-

tos e 300 feridos. Um deles poderia ter sido Vicente Croisfelt, convidado para trabalhar no Crefisul, financeira instalada no prédio, emprego que resolveu não aceitar. No campo político, com votos dos deputados e senadores (o povo estava impedido de votar pelo regime militar) o general Ernesto Geisel foi eleito presidente da República. Mas no dia quatro de março, a notícia não poderia ser melhor: Alcindo e Cida ganharam o primeiro neto. Nasceu Henrique, filho de Nilton e Anna.

Avô Alcindo com Henrique e Cesar

CONTRATEMPOS

Em 1973, entre as bodas de Alcindo-Aparecida e o nascimento de Henrique, o primeiro neto, registrou-se em Ribeirão Preto, um movimento comercial que marcou época: a Cervejaria Paulista, com problemas financeiros, é adquirida pela Antártica, que passa a se chamar Companhia Antártica Niger. Dos produtos da Paulista, só a Niger foi preservada. Os demais, incluindo o delicioso guaraná Paulista, saíram de cena. Para sempre.

AS AVENTURAS DE VERICONDO E DOMINGOS EM SÃO PAULO

Tio Vericondo e o caminhão de lixo da Prefeitura de São Pauo

Vericondo e Domingos decidiram ligar seus destinos à cidade grande, desbravar as asperezas, o progresso e a riqueza de São Paulo. Os dois foram protagonistas de grandes histórias. Domingos, em 1958, abriu o caminho, depois de passar por grande provação. Um ano antes, deixou tia Cilica e as filhas Maria Luísa (4) e Maria Helena (2 anos) na casa da irmã Aparecida, em Franca, e internou-se no hospital de hanseníase de Cocais, em Casa Branca. Ele permaneceu um ano na mesma casa de saúde onde sua mãe falecera em 1948. A família respirou aliviada com a sua recuperação. Dos seis irmãos da família Ganzaroli, apenas Aparecida e Aurora não contraíram a doença. Orlando, Vericondo e Elza, com quadro leve de contágio, tocaram a vida sem susto.

Aprendemos, na pele, literalmente, que a hanseníase é uma doença infectocontagiosa causada pela bactéria *Mycobacterium*

Leprae ou bacilo de Hansen, e gerou o isolamento das pessoas contaminadas desde épocas remotas. Depois de descoberto o tratamento adequado, seus temidos hospitais começaram a ser desativados, inclusive o de Cocais, mais tarde tombado pelo governo estadual. Hoje, o mal é tratado com antibióticos durante seis meses ou um ano pelo Sistema Único de Saúde, sem necessidade de isolamento.

Tia Cilica, depois de um bom tempo, aceitou mudar-se à convite da mãe, Luiza, e do padrasto Manoel Inácio Calvo, um português que trabalhava na Prefeitura de São Paulo e arrumou emprego para seu marido e o cunhado. Com a saúde recuperada, Domingos foi admitido como lixeiro na Prefeitura. Dois anos depois, Vericondo também foi admitido mas não se deu bem correndo atrás do caminhão, pendurado na caçamba. Rapidamente, tirou carta de habilitação e passou a motorista. Domingos sofreu um acidente de trabalho, ficou um período de licença médica e voltou como vigia.

Em 1960, os irmãos dividiam uma casa no Sumaré e entenderam que precisavam se livrar do aluguel. Vericondo, percorrendo bairros com o caminhão do lixo, passou a conhecer melhor a cidade. Pesquisou bem e, por sua sugestão, investiram num bairro distante do Centro, chamado Morumby (assim, com Y), ainda inóspito loteamento mas ainda assim bem valorizado. O terreno, a 200 metros do Colégio Santo Américo, foi dividido ao meio e, aos poucos construíram duas casas, no mesmo estilo.

DOLAR SURRADO E ATROPELO NO GETHSÊMANI

Vericondo, que os sobrinhos, brincando, chamavam de tio Virakombi, acumulou experiência e histórias que gostava de contar. Falava de uma perna feminina com unhas bem aparadas e pintadas misturada ao lixo, que exigiu da polícia longo trabalho de investigação. Mas gostava mesmo de falar sobre a mala de dólares encontrada na caçamba do seu caminhão, que além de caso

policial de grande repercussão, acabou virando filme. "O Dólar Surrado", feito em 1970, conta o aparecimento de pessoas que ganhavam a vida no lixão, com valiosas notas da moeda norte-americana. A comédia do diretor Carlos Coimbra reuniu excelente elenco: Dercy Gonçalves, Zilda Cardoso, Sadi Cabral, Dedê Santana e Grande Otelo.

Enquanto isso o Morumbi crescia e se tornava endereço nobre em São Paulo, abrigando o Palácio do governo e o estádio do São Paulo, inaugurado em 70. O Colégio Santo Américo, visitado pelo Papa João Paulo II em sua primeira viagem ao Brasil, em 1980, era outra referência tradicional. Tio Vericondo e tia Cida moraram a vida toda lá. Tio Domingo e tia Cilica, com os filhos criados, venderam a propriedade já bem valorizada, em 1992, e voltaram para a tranquilidade de Pedregulho (SP).

Tia Cida faleceu em janeiro de 2016, com 74 anos, e tio Vericondo, provavelmente abalado com a perda da mulher, dois meses depois, com 81 anos. Seu sepultamento no Gethsêmani merece registro.

O cemitério judaico, numa de suas visitas, passou serenidade e paz à tia Cida. O interior era bem cuidado e havia segurança contra violações indesejáveis. Por isso, ela sugeriu a compra de um jazigo para a família. Seu sepultamento foi tranquilo, como previra. Mas com tio Vericondo, não! No dia 20 de março, um domingo, coincidindo com seu enterro, o Gethtsemani recebeu cinco corpos, ao mesmo tempo, de uma só família: do ex-presidente da Vale, Roger Agnelli, da sua esposa, duas filhas e o genro, vítimas de acidente aéreo na véspera. Uma multidão no velório e o sentimento da tragédia geraram momentos de apreensão e comoção. Por isso, tio Vericondo baixou sepultura a toque de caixa. Seu corpo não chegou a ser devidamente velado e alguns amigos perderam o sepultamento. Os familiares, nem de longe, guardaram qualquer tipo de mágoa. Respeitaram a dor dos Agnelli.

A MUDANÇA PARA RIBEIRÃO PRETO

Os irmãos Gildo e Alcindo que trabalharam e viveram próximos por décadas, tinham vontade de regressar a Franca. Em Alcindo, já cansado da correria na capital que não parava de crescer, bateu o desejo indômito de voltar ao porto seguro, sem imaginar que encontraria forte resistência. Dona Cida queria permanecer em São Paulo para ficar perto do neto Henrique e dos filhos Luiz, Vicente e Nilton. "Franca, fora de cogitação", determinou. Aliás, recorria ao "fora de cogitação" sempre que precisava negar alguma coisa. O impasse estava criado. Depois de algumas discussões sobre o futuro, acabou prevalecendo a sugestão de Maria Odete, filha de tia Irene (irmã de Alcindo) e tio Homero, que indicou Ribeirão Preto como opção de moradia, por oferecer maiores oportunidades de trabalho para a família.

Em janeiro de 1975, o caminhão dirigido por Francisco Damaceno, marido de Odete, trazendo Alcindo e Regina e os "trem" na carroceria, encostou na frente de uma casa na Vila Kennedy, ao lado do Bosque Fábio Barreto, hoje zoológico. Dona Cida, Célia e Doni, sob a proteção de Cesar, vieram de ônibus. Na casa em que moraram, era normal sentir o cheiro dos bichos. No silêncio da noite, quando o vento ajudava, ouvia-se o esturro da onça pintada.

Três meses depois da chegada dos Croisfelt, nos EUA, Bill Gates e Paul Allen fundaram a Microsoft. Ninguém poderia imaginar que essa bem-sucedida parceria iria, em breve, colocar o mundo na era digital. As meninas e os meninos logo, logo conheceriam um novo e inusitado companheiro de trabalho: o computador.

Dessa vez, a dupla Alcindo/Gildo estava parcialmente desfeita. Tio Gildo, com bom emprego e os filhos encaminhados, con-

tinuou em São Paulo. Só bem mais tarde, em 1994, ele voltaria com a famíia para Franca, que já não era mais a cidade tranquila que deixara em 67. O progresso introduziu mudanças e a maioria dos velhos conhecidos não existia mais. Mesmo assim, ele permaneceu por lá mais doze anos. Em 2006 mudaram-se para Sorocaba (SP) para ficar ao lado da filha Eunice, e mais próximos da capital, onde Hermes, Paulo e Sérgio moravam.

O SEGUNDO NETO VAI NASCER

No ano de 1976 ocorreu o falecimento do ex-presidente Juscelino Kubitschek em um suspeito acidente de carro na via Dutra, próximo a Resende (RJ). A política brasileira vivia momentos conturbados, sob o regime da ditadura militar. A separação dos irmãos Vicente e Luiz estava por acontecer. Enquanto Luiz se ocupava com os tornos da metalúrgica Orion, Vicente, já concluído o curso de Economia na USP, trabalhava no Banco Noroeste. À noite lecionava nas Faculdades Metropolitanas Unidas (FMU).

Em seguida, Vicente trocou o banco por um emprego na CESP (Central Elétrica de São Paulo) e conheceu Marli Regina Sanches, aluna da Faculdade de Assistente Social na PUC. As inúmeras atividades de Vicente e agora, de namoro com Marli, deixaram Luiz deslocado no apartamento. Sentindo-se só, resolveu voltar a viver com a família, em Ribeirão. Começou a trabalhar na Metalúrgica Penha. Nilton veio em seguida e conseguiu vaga na Dabi Atlante, empresa de equipamentos odontológicos. Seu segundo filho, Paulo Croisfelts – o Paulinho – nasceu em 19 de julho no Hospital São Francisco, quatro dias depois de Anna ter chegado de São Paulo.

A VISITA SURPRESA DO FILHO, NO MEIO DA NOITE

O avô Alcindo, em estado de graça com a chegada do segundo neto e depois de um dia de trabalho, já pronto para dormir, foi surpreendido com a visita de um assustado Vicente. O filho veio em busca de conselhos ao saber que a namorada Marli esperava um bebê. Conversaram longamente e antes que fossem para a cama, já de madrugada, o pai recomendou que assumisse seus atos.

Nilton e Anna alugaram uma casa na Vila Tibério, onde Luiz costumava visitá-los. Numa dessas vezes, passou na calçada uma moça que chamou sua atenção. Por sorte, Nilton trabalhava com um irmão dela, José Carlos. Era Sônia Maria Marcolino, sua vizinha, com quem, dias depois, entabularia amizade. Disse a ela que faria uma viagem de quinze dias e, na volta, passaria na sua casa para uma conversa. Sônia chegou a duvidar da promessa. Esse encontro, como veremos, deu casamento. Chegaremos lá.

Em São Paulo, Vicente seguiu os conselhos do pai e passou a morar com Marli num sobradinho no Brooklin. Foi lá que nasceu Andrei Sanches Croisfelt, em 14 de fevereiro de 1977. No mesmo ano que Andrei veio ao mundo, o Corinthians quebrou um tabu de 23 anos ao conquistar o título de campeão paulista, com um gol salvador de Basílio; e o Congresso Nacional aprovou o divórcio, lei de autoria do senador Nelson Carneiro. Foi também o ano que marcou a despedida de Pelé do futebol, num jogo em que seu então time, o New York Cosmos, derrotou o Santos por 2 a 1, com um gol dele.

Em Ribeirão, Alcindo continuou na construção civil e, por um tempo, teve César como ajudante. É que Cesar, desde pequeno,

era quem mais prestava atenção no trabalho do pai. Além disso, estava difícil achar um emprego. Com o tempo, passou a assentar piso tão bem quanto o professor. Bom assentador de piso é raro até nos dias de hoje.

1978, CASAMENTO DE CESAR E VALÉRIA

Logo que a família chegou a Ribeirão, em 75, os irmãos Cesar, Regina e Célia começam a frequentar o grupo de jovens da igreja Santa Terezinha. Nos encontros, Cesar conheceu Valéria Cassaroti da Cunha e, em 76, iniciaram namoro. O casamento se deu em 16 de dezembro de 1978, ano que marcou a morte de dois papas. Paulo VI morreu depois de 15 anos de pontificado. Seu substituto, João Paulo I – dom Albino Luciani – ficou 30 dias no trono de São Pedro e morreu. O mundo achou que ele foi envenenado. Em seguida, os cardeais escolheram João Paulo II, o polonês Karol Woityla.

Cesar tinha terminado o curso técnico em Contabilidade e trabalhou com seguro no Banco Real, depois no Bamerindus e, por conta própria, a vida toda, estabelecendo boa clientela. Tiveram dois filhos: Lucas e Juliana, Assistente Social admitida em concurso público na Prefeitura de Campinas. Cesar, depois, montou padaria e pizzaria para Lucas tocar. Os pais participaram dos novos empreendimentos. Valéria trabalhava no caixa, no balcão e montava as pizzas. Cesar dava força.

1979, CASAMENTO DE SÔNIA E LUIZ

O namoro de Luiz e Sônia, que se viram pela primeira vez numa visita ao irmão Nilton, dois anos antes, frutificou. Ficaram noivos e se casaram na Matriz da Vila Tibério em 29 de setembro de 1979, ano em que o Brasil, ainda sob a ditadura militar, teve outro presidente da República eleito pelo Congresso. O general do Exército João Batista Figueiredo substituiu outro general, Er-

nesto Geisel. No mundo, a Sony provocou enorme agitação ao lançar o Walkman, o primeiro leitor de cassete portátil da história. Torneiro mecânico dos bons, Luiz passou pela Zanini, em Sertãozinho; a Villares, em Araraquara; a Clímax, fábrica de geladeira, em São Carlos; e na Indústria Romi, como vendedor de torno. Com essa bagagem, ganhou força e montou uma metalúrgica. Eles tiveram duas filhas, Danielle e Karine, que durante bom tempo trabalharam no escritório da empresa. Um dos genros, Márcio, casado com Karine, foi funcionário.

16 de dezembro de 1978, Cesar e Valéria.

Casamento Luiz e Sônia, 29 de setembro de 1979, em Ribeirão Preto (SP)

1978 – Famlia toda reunida no casamento de Cesar e Valéria em Ribeirão Preto, em 15 de dezembro.

CHEGAM AS PRIMEIRAS NETAS

No casamento de Luiz e Sônia, entre os convidados, se faziam presentes várias grávidas, menos a noiva. Esperavam bebês Marli, Valéria e Anna. No mês seguinte, eclodiram os ovos. A primeira a nascer foi Bianca Sanches Croisfelt, em 19 de outubro, filha de Marli e Vicente. A segunda foi Juliana da Cunha Croisfet, em 12 de novembro, filha de Valéria e Cesar. E, por fim, veio ao mundo, Ana Helena Croisfelt, no dia 26 de dezembro, filha de Nilton e Anna. Agora eram seis netos - três meninos e três meninas.

1980/81

O ano de 1980 foi marcado por uma tragédia no mundo da música. Em dezembro, seis dias depois do nascimento de Danielle Croisfelt, filha de Luiz e Sônia, um inútil completo atirou em John Lennon, em Nova York, e colocou um fim nos sonhos de quem ainda esperava a volta dos Beatles. Daniele nasceu bem, de parto normal, em dois de dezembro, para alegria dos pais.

Em 1981, em 26 de janeiro, nasceu Lucas da Cunha Croisfet, filho de Valéria e Cesar. Neste ano, a IBM lançou seu primeiro computador desenvolvido para o usuário final, voltado para escritórios e uso em casa. Morreu o rei do reggae, Bob Marley.

Vicente e Marli, com Andrei e Bianca pequenos, já em 82, residindo em São Paulo, puderam contar com a ajuda fundamental de tio Gildo e tia Aurora, que desempenharam o papel de avós. Neste ano, o escritor colombiano Gabriel Garcia Marques ganhou o Nobel de Literatura com o livro Cem Anos de Solidão. E ocorreu

também a tragédia do Sarriá, estádio palco da desclassificação do Brasil de Telê Santana para a Itália de Paolo Rossi, na Copa do Mundo da Espanha.

CLARISSA NASCE NA CIDADE DO PANAMÁ

Bianca, Marli, Clarissa e Andrei

Em 1983, ano do falecimento do ponta-direita bicampeão do mundo Mané Garrincha, ocorre uma guinada na vida de Vicente. Funcionário emergente do Banco Real, é transferido para a Cidade do Panamá. Marli estava grávida do terceiro filho. No dia 17 de março nasce na capital panamenha, com seis meses de gestação, Clarissa Sanches Croisfelt, pesando 900 gramas. Frágil, teve várias paradas cardíacas que obrigaram os médicos a aumentar a pressão do oxigênio na incubadora, e em consequência disso, Clarissa perdeu a visão. O que ficou claro, como constatou Vicente, foi o empenho do corpo clínico em preservar a vida da filha. Fez-se uma tentativa de reverter o problema com uma cirurgia nos EUA.

No ano do nascimento de Clarissa, o mundo tomou conhecimento do primeiro aparelho celular, o Dynatac 8000x da Motorola. Pesava quase 800 gramas e tinha 33 centímetros, quase

o mesmo peso e tamanho de nossa querida e brava bebê. Na Cidade do Panamá, Vicente e Marli cumpriram a terceira etapa das cerimônias nupciais e casaram na igreja. A primeira fase começou quando decidiram morar juntos e a segunda, a união civil, logo depois do nascimento de Bianca.

Também em 1983, foi a vez da irmã Célia deixar a casa dos pais. Abrigada na residência do tio Vericondo e tia Cida, no Morumbi, já com fama de bairro nobre, Célia preparou com otimismo o seu futuro. O motivo da mudança foi mais que justificado: trabalhar em um grande hospital e fazer faculdade. Ela já tinha certificados de Técnica em Enfermagem e instrumentadora obtidos durante sua passagem pelo Hospital das Clínicas (Centro e Campus) de Ribeirão Preto.

Com boa bagagem, não encontrou dificuldades para empregar-se no Hospital Albert Einstein depois de teste mais exigente. Célia ingressou na Faculdade de Enfermagem Adventista e no ano seguinte, 84, deixou os tios para morar em casa própria. Com o dinheiro do Fundo de Garantia e o salário do Einstein, ela financiou um apartamento no Taboão da Serra e lá, orgulhosamente, se alojou. Não demorou muito para conhecer um vizinho que trabalhava em escritório de arquitetura chamado Osmar Felipe dos Santos. O início do namoro marcou a derrota no Congresso Nacional da emenda da Diretas Já, do deputado Dante de Oliveira. O Brasil continuaria sob o jugo da Ditadura. Célia formou-se Enfermeira Padrão em 1989. Três anos depois, participou da equipe que realizou o primeiro transplante de fígado no Hospital Alemão Oswaldo Cruz, sob o comando do cirurgião Maurício Barros. Um passo sólido e definitivo na carreira.

MORRE MARIA BETTIATI

Vaidosa, Maria Bettiati adorava perfume, talco e não gostava que a chamassem de avó. E muito menos de nona (avó em italiano). Costume naqueles tempos, batizou vários netos e pre-

feria ser chamada de madrinha. Nos últimos dez anos de vida, perdeu a visão. Conviveu com a cegueira provocada por uma catarata. Foi a São Paulo, no Hospital das Clínicas, e desistiu da cirurgia depois de o médico dizer que se fosse a avó dele, não permitiria a operação.

Faleceu com 85 anos, em 1984

Maria orgulhava-se de sua cabeça privilegiada, lembrava datas de aniversário dos parentes mais próximos e tinha medo de se tornar esquecida. Cuidava-se à sua maneira, tomando medicamentos, entre elas uma droga chamada Memoriol. Passou os últimos anos de sua existência se locomovendo com dificuldade, necessitando de ajuda para caminhar. Um dia, caiu e machucou justamente a cabeça. A partir do tombo, começou a ter problemas. Ficou desnorteada, imaginava-se morando na Itália e chamava a filha Túnica de mãe. A brava guerreira morreu em nove de junho de 1984 com 85 anos, na casa de Tunica, em Franca. Até hoje as netas falam dela com carinho.

DONI E CLÁUDIA INICIAM NAMORO

Doni, no ano que morreu a avó, com 21 anos, estava terminando o curso Técnico em Contabilidade, no Colégio Brasil. Dividia flertes e carteiras de classe com Claudete Grotto, que pela mãe era chamada de Cláudia, o nome que deveria constar no registro. Claudete foi uma decisão isolada do pai, que foi sozinho ao Cartório. A mãe, inconformada com a traição, prometeu chamá-la de

Cláudia e assim o fez. Resultado: poucos a conhecem pelo nome que carrega nos documentos.

O primeiro encontro entre Doni e Cláudia acabou frustrado, justamente no dia do falecimento de Maria Betiatti. Ele acompanhou o velório, em Franca. Claudia pensou que não ia dar certo. Não demorou para perceber a intenção de Doni e engataram namoro. Por essa época, Regina, que trabalhava numa concessionária de veículos, começou namoro com Fausto, colega de trabalho.

1985: O CASAMENTO

Casamento de Doni e Cláudia em 27 de abril de 1985.

Doni e Cláudia casaram-se na Comunidade Paroquial Nossa Senhora Aparecida no dia 27 de abril de 1985, num momento em que gigantesca comoção nacional, em razão da morte do presidente eleito Tancredo Neves, começava a virar fumaça. No Brasil só se falou em Tancredo durante 38 dias, do momento em caiu doente, em 14 de março, véspera de sua posse, até seu passamento, em 21 de abril. Nesse período, o rádio, a tv e os jornais só tiveram espaços para o estado de saúde de Tancredo e quem seria seu substituto caso viesse a falecer. Claudia ficou preocupada. Não seria "legal" casar num clima tão carregado. Tancredo

faleceu em 21 de abril, o vice José Sarney assumiu o cargo e tudo voltou à normalidade. O Brasil é assim, capaz de sair da crise para a tranquilidade, com a velocidade da mudança da tempestade para a bonança.

Muito jovens, ele com 21, e ela com 20, tinham terminado o Técnico em Contabilidade. Em 91, Doni, por incentivo da família e do seu novo empregador, a empresa Leão e Leão, voltou a estudar e em 1994 concluiu o curso em Ciências Contábeis. Ele trabalhou na Leão e Leão e, depois Leão Engenharia, de 1990 a 2015. Entrou como supervisor de contabilidade e terminou como diretor Administrativo e Financeiro. Maçon há 18 anos, em 2012 foi venerável mestre da loja Humanitas. Cláudia foi admitida em concurso na Ceterp, no início dos anos 90, como telefonista, emprego cobiçado pelas moças. Tiveram três filhos, Fernando (falecido), Fernanda e Claudia.

No dia 20 de Junho de 1985 nasce Carolina Croisfelt Parreira, filha de Regina e Fausto, que abriram mão do casamento que tinham combinado. Alcindo e Aparecida são de grande valia e ajudam a cuidar de Carolina, enquanto a mãe trabalha. Ela costumava chamar a avó de mãe. As vezes ficava engraçado, Chamava mãe, e a avó respondia. Ela, então dizia, "é a outra mãe ".

1986, Carolina com os avós Aparecida e Alcindo. Na casa da vovó!

O CASAMENTO DE CÉLIA E OSMAR

Aparecida, Osmar, Célia e Alcindo – casamento Célia e Osmar em 13 de dezembro de 1986.

Depois de 76 anos de espera, o cometa Halley passou pela Terra e a Volkswagen parou de fabricar o fusca. O ano começa e logo em abril, no dia 26, o pior acidente nuclear da história, na Usina de Chernobil. A nuvem de radioatividade atingiu a União Soviética, Europa Oriental, Escandinávia e Reino Unido. Foram quatro mil mortos e sequelas em dezenas de milhares. Na vida dos Croisfelt, os acontecimentos se sucedem.

Em 13 de dezembro de 1986, três meses exatos depois do noivado, é festejado o casamento de Célia e Osmar, em São Paulo. A noiva saiu da casa do tio Vericondo e tia Cida para a cerimônia religiosa na capela do Colégio Santo Américo, no Morumbi. A recep-

ção foi no salão de festas do condomínio onde moravam Vicente e Marli, na rua Vieira de Morais, no Campo Belo.

Na época do casamento, Celia trabalhava no Albert Einstein e cursava enfermagem na Faculdade Adventista. Osmar desistiu do escritório de Arquitetura e montou uma empresa de venda de materiais de limpeza, em São Paulo, iniciativa vencedora que administra até hoje. Eles tiveram duas filhas, Nathalie e Isabella.

1986, PERUÍBE

Em 86 Vicente também voltou ao Brasil. A experiência no Panamá do presidente Manuel Noriega, conhecido pelo apelido de "cara de abacaxi", ficou para trás. Animado, teve a ideia de construir imediatamente uma casa de praia para curtir com as crianças. Escolheu Peruíbe e se encantou com um lote a três quarteirões do mar. Na época, o litoral sul estava na moda e, Peruíbe, principalmente. Para não perder tempo, convidou o pai e tio Gildo para executar a obra. A dupla voltou a se unir e alguns desacertos entre eles tornaram-se conhecidos. Cada um queria impor suas ideias. Alcindo, pela capacidade e por ser o"pai do proprietário da obra", e tio Gildo por se achar mais experiente, depois de passagem por empresa paulistana, onde realmente tinha aprendido novas técnicas. Deu trabalho, mas o bom senso venceu e o produto final ficou muito bom.

Muitas lembranças das festas de final de ano, férias e feriados prolongados na casa de Peruíbe. Por muito tempo foi o ponto de encontro da família. Marli era grande anfitriã, deixava todos à vontade. A mesa do café da manhã surpreendia pela graciosidade e fartura. Vicente comandava os churrascos e fazia um belo ceviche. Havia as caminhadas na praia e a missa na noite de domingo com direito a café expresso. Não devia se esquecer de levar uma roupa social para ir à igreja. Na porta da Matriz São João Batista um comunicado definitivo proibia a entrada com shorts, bermudas, decotes. Marli era a primeira a se arrumar, vestia-se

com esmero para o compromisso religioso semanal. Saudades da casa de Peruíbe, hoje desativada, à espera de um recomeço.

1987

Brasília, a capital do Brasil que saiu dos esboços de Oscar Niemeyer, é declarada como Patrimônio Cultural da Humanidade pela Unesco. Em Ribeirão Preto, com população de 380 mil almas, nasce em 21 de janeiro, Karine Croisfelt, filha de Sônia e Luiz.

Em maio do mesmo ano, nasce Fernando Grotto Croisfelt, prematuro. É resgatado por Deus. Um grande baque para família. Doni e Cláudia, bem jovens, o primeiro filho. Difícil imaginar a dor. Em 28 de setembro de 1988, dá-se o reencontro com a alegria, com o nascimento de Fernanda Grotto Croisfelt. O nome homenageia o irmão. Fernanda chega com a "Constituição Cidadã", que estabelecia o retorno de garantias e direitos fundamentais suprimidos durante a ditadura militar, inspirada nas liberdades de Ulisses Guimaraes, então presidente da Câmara dos Deputados. E o Brasil também perdia Aberlado Barbosa, o Chacrinha, animador de auditório de rádio e televisão, autor do bordão "quem não comunica, se estrumbica".

ALEMANHA UNIFICADA

Em 1989, os descendentes espalhados pelo mundo afora festejaram a reunificação da Alemanha, dividida em 1949 e separada por um muro em 1961, entre Oriental e Ocidental. Agora, o Muro de Berlim, que durava 28 anos, foi destruído pelo povo e seus tijolos e lascas de cimentos guardados como relíquias. A Alemanha voltava a ser única, forte e protagonista no cenário mundial conduzida por Angela Merkel, tida como a mulher mais poderosa do planeta, líder de fato da União Europeia. Entre nós, Alcindo, que deu duro a vida inteira, já cansado, se aposentou aos 65 anos. O

homem que havia começado a trabalhar na roça aos oito anos, agora só fazia um ou outro serviço para os filhos. Infelizmente, aos 67 anos, foi diagnosticado com Mal de Alzhaimer, alemão descobridor da doença.

No dia 12 de novembro de 1990 nasce Nathalie Croisfelt Santos, em São Paulo, filha de Célia e Osmar. No mesmo ano, o primeiro presidente eleito depois da ditadura militar, em 29 anos, Fernando Collor de Mello, tomou posse e colocou em prática o Plano Collor, que confiscou a poupança da população. Fez outras lambanças e sofreu impeachment, substituído pelo vice, Itamar Franco, ex-prefeito de Juiz de Fora, que no final do mandato, em 94, implantou uma nova moeda, o Real.

Em 1994, Regina que tinha prestado concurso e trabalhava na Central Telefônica de Ribeirão Preto, desde 1992, foi transferida para uma unidade dentro da Prefeitura e conheceu Sidinei Quartier, do quadro da Assessoria de Imprensa. Antes, ela tinha trabalhado na White Martins e, depois de ter saído da Ceterp), trabalhou como secretária escolar no Sesi (Serviço Social da Indústria). Hoje, Regina e Sidinei vivem em regime de união estável.

Casa de Peruíbe

Na praia, Bianca, Valeria, Osmar, Lucas, Marli, Cesar, Célia, Juliana e Vicente

1986, Aparecida, Doni, Cesar, Vicente, Luiz, Nilton e Alcindo

1986, família em peso no noivado e Célia e Osmar

CLAUDINHA E ISABELLA FECHAM CICLO DOS NETOS

O ano de 1994, como habitual, nos reservou fatos relevantes e decepções. A seleção brasileira, mesmo sem encantar, sagrou-se tetracampeã do mundo na copa dos EUA, depois de 24 anos de jejum. Em compensação sofremos terrivelmente com a morte de Ayrton Senna, nosso maior representante no esporte, em grave acidente no GP em San Marino. Para salvaguardar a alegria da família nasceu Cláudia (a legítima) Grotto Croisfelt (Claudinha), filha de Doni e Cláudia, em 7 de junho.

Em 1996 nasceu a última neta de Alcindo e Aparecida. Veio ao mundo, em São Paulo, em 19 de julho, Isabella Croisfelt Santos, filha de Célia e Osmar. O nascimento de Isabela coincidiu com a utilização, pela primeira vez, das urnas eletrônicas, nas eleições municipais. Em trágico acidente aéreo, perto do aeroporto de Guarulhos, morrem os Mamonas Assassinas, os meninos debochados que em tão pouco tempo botaram o Brasil para cantar com eles: mina, seu cabelo é da hora ...

TODOS OS NETOS DE ALCINDO E APARECIDA

Henrique, Paulo e Ana Helena (Aninha), filhos de Nilton e Anna; Danielle e Karine, de Luiz e de Sônia; Andrei, Bianca e Clarissa, de Vicente e Marli; Juliana e Lucas, de Cesar e Valéria; Carolina, de Regina e Fausto; Nathalie e Isabella, de Célia e Osmar; Fernanda e Cláudia, de Alcindo (Doni) e Cláudia.

Regina teve o privilégio dobrado de ser madrinha de dois deles: Henrique e Lucas. Sente-se feliz e honrada. É que na época era costume que madrinhas e padrinhos fossem irmãos dos pais.

Foi madrinha de Henrique junto com Fernando, irmão da Anna; e de Lucas, com Antonio José (Nenê), irmão da Valéria. Da mesma forma, Celia é madrinha do Paulinho e da Juliana. Há uma coincidência envolvendo Célia e seus afilhados: Juliana nasceu no mesmo dia que Nathalie, 12 de novembro; e Paulinho, na mesma data que Isabella, em 19 de julho. Tem a Aninha, afilhada do Doni e de Bernadete, irmã da Anna.

E tem netos que foram batizados pelos avós: Andrei foi batizado pelos avós paternos, Aparecida e Alcindo; Daniele, batizada pelo avô materno, José Marcolino, e pela prima Nice.

Os irmãos também escolheram casais de tios e de amigos para batismo. Bianca, batizada pelos tios Lúcia (irmã Marli) e Mauricio; Clarissa, batizada pelos amigos Ínis Maria Bastos e Waldir Bastos; Karine, batizada pelos tios José Carlos (irmão de Sonia) e Ivonete; Carolina, batizada pelos tios Doni e Cláudia; Nathalie, batizada pelos tios Vicente e Marli; Isabela, batizada pelos amigos Álvaro e Tânia; Fernanda, batizada pelos tios Cesar e Valéria; e Claudinha batizada pelos tios Sidinei (irmão de Claudia) e Cidinha.

NA CASA DOS AVÓS

A reunião dos primos se dava com as vindas de Vicente e Marli e de Célia e Osmar. O ponto de encontro, claro, era nos avós Alcindo e Aparecida, que a esta altura já havia a passado por quatro endereços em Ribeirão. A casa, agora, era no Jardim Independência.

Afora os encontros em feriados, Paulinho foi quem mais ficou na casa dos avós, sem contar a Carolina, que morou com eles. É que Anna sempre trabalhou muito (a costura exige rapidez, eficiência e é rigorosa no prazo) e Paulinho era difícil de ser alimentado. Estava sempre magrinho. Um dia, manifestou sua aversão aos alimentos "porque tenho que comer todo dia" para risada de quem estava perto. Anna pedia que a avó desse um jeito e dona Cida fazia o possível, com paciência e carinho.

Henrique, o primeiro a nascer, Paulinho e Andrei formaram os três mosqueteiros. Em seguida, Bianca, Juliana e Aninha se tornaram as princesinhas e a casa ganhou cores rosas. Mais um mosqueteiro chegou – Lucas – e daí em diante, só meninas: Danielle, Clarissa, Carolina, Karine, Fernanda, Nathalie, Claudia e Isabella.

Henrique e Paulinho, acostumados a brincar descalços, se locomoviam com facilidade no quintal pedregoso da casa. Andrei sofria ao tentar acompanhar os primos. Seus pezinhos paulistanos não se adaptavam ao chão vermelho e áspero. Com os meninos não havia ciúmes, já com as meninas tudo tinha que ser bem dividido para evitar choros.

E assim foram crescendo os que chegaram antes e nascendo outros. E a casa de Alcindo e Aparecida, sempre cheia. Os quitutes de dona Cida sempre estavam na ordem do dia: pão de queijo, doce de leite, bolos e carinho. Ela preparava os pratos de acordo com as preferências dos filhos e dos netos. Clarissa gostava do seu doce de leite mole, já para a Nathalie tinha que ser em pedaços. Adoravam a mordomia, tudo na mão. Henrique e Paulinho juravam que até o leite na casa da vó era mais gostoso. Claudinha era fã de um bolo de fubá que só dona Cida sabia fazer. Maria, a outra vó, e Cláudia, a mãe, tentaram, mas nem passaram perto. Todo domingo, vó Cida preparava o bolo para ela. Com um detalhe: tinha que ficar bem assado. Ela comia as beiradinhas, as partes mais morenas.

Brincavam tanto que adormeciam de cansaço, e não raro, sujos de terra. Dona Cida, com uma toalha úmida, limpava um a um, com cuidado, para não acordá-los.

Dona Cida também teve seus momentos de aflição com os netos. Carolina, com onze meses, comeu um pedaço de queijo com veneno para matar rato. Havia uma fábrica de móveis nos fundos da casa e ocorreu uma infestação. Os vizinhos se reuniram para espalhar veneno estrategicamente. O queijo era guardado todas as manhãs, mas um dia, não se sabe como, um pedaço foi parar embaixo da máquina de lavar: adivinha quem achou ? Quando

a avó a viu mastigando, percebeu que era o tal envenenado. Foi parar no hospital. Graças a Deus não houve sequela.

Outro grande susto aconteceu em 1996. Dona Cida foi conhecer a netinha caçula, Isabella, nem um mês de vida. Estavam todos na casa do Vicente, um sobrado no Brooklin. A vó subiu para ajudar na troca de fraldas e desceu as escadas com ela no colo. Escorregou e rolaram abaixo. Foram segundos de terror. Ela se "estropiou" mas não deixou Isabella cair. Foram todos parar no hospital. Dona Cida ficou com marcas roxas nas pernas, costelas e braços. Isabela escapou ilesa, nos braços de Andrei, que estava no pé da escadaria.

1986, Henrique, Andrei, Paulinho, Juliana, Aninha, Danielle, Lucas, Clarissa e Carolina

1994, Clarissa, Karine, Fernanda, Carolina e Claudinha (nenê)

2002, Isabella, Claudinha, Nathali e Fernanda em Guaxupé (MG).

BODAS DE OURO DE APARECIDA E ALCINDO

No ano da morte da princesa Diana em acidente automobilístico em Paris e em que foi realizada a primeira clonagem de um mamífero, a partir de uma célula adulta, que deu vida a ovelha Dolly, houve festa pela comemoração de 50 anos de casamento – Bodas de Ouro - de Alcindo e Aparecida. A cerimônia aconteceu em Ribeirão, em 31 de julho. Alcindo, já adoentado, aproveitou-se da generosidade dos filhos e ganhou uma cerveja sem álcool. Ele agradeceu mas ficou claro que não tinha apreciado muito. As bodas coincidiram com a separação de Vicente e Marli. Três anos depois, Nilton e Anna também se separaram.

Em 2002 o Brasil ganha o pentacampeonato mundial na Copa disputada no Japão e na Coréia. E dá-se a passagem do maior propagador do Espiritismo no Brasil, Chico Xavier, aos 92 anos, em Uberaba (MG). No dia 26 de outubro, acontece o casamento de Vicente e Roseli, em Guaxupé (MG).

Alcindo e Aparecida com filhos, noras e genro no dia da Bodas de Ouro

Alcindo e Aparecida cercados pelos netos e netas

2002, Cesar, Célia, Nilton, Doni e Regina no casamento de Vicente e Roseli em Guaxupé (MG).

2003: CHEGAM OS BISNETOS. NÃO PERCA AS CONTAS!

A era dos bisnetos começa com a posse de Lula, como presidente do Brasil, em primeiro de janeiro de 2003. No Rio, morre o jornalista Roberto Marinho, aos 98 anos, fundador da Rede Globo. Em São Paulo, nasce Sofia Croisfelt Zizza de Camargo, a primeira bisneta, em 20 de setembro de 2003, filha de Bianca e Robison.

Lara Croisfelt Buza, filha de Karine e Márcio, chegou em 31 de Janeiro de 2005, em Ribeirão Preto. O terceiro foi Pedro Mrozowski Croisfelt, filho de Andrei e Larissa, em São Paulo, em 26 de agosto de 2006, ano em que Lula foi reeleito presidente do Brasil com mais de 58 milhões de votos. Em 2007, ano em que a Apple lançou o celular IPhone, que aprimoraria a comunicação no planeta, vieram três: Luiz Roberto Ornelli Botosso, em 26 de janeiro, em São Paulo, enteado de Bianca e filho do Beto; Matheus Croisfelt Buza, filho de Karine e Márcio, em 26 de março; e Vinicius Faria Croisfet, filho de Lucas e Ana, em dia 18 de junho, ambos em Ribeirão.

A "fábrica" não parou e dona Cida, principalmente, vibrava com a chegada de cada bisneto. Queria conhece-los de perto, "apertar" suas bochechas. O sétimo foi Joaquim Bueno Godoy de Toledo Croisfelts, filho de Henrique e Daniela, em 11 de janeiro de 2008, em Ribeirão Preto. Em 2009, ano em que se deu a posse de Barac Obama, o primeiro presidente negro dos Estados Unidos, chegaram Manuela Mrzowiski Croisfelt, filha de Andrei e Larissa, em 17 de fevereiro, em São Paulo; e o nono, Vitor Faria Croisfet, filho de Lucas e Ana, em 26 de março, em Ribeirão.

MAIS BISNETOS ...

Em 2010, em que Dilma Rousseff se tornou a primeira mulher eleita presidente do Brasil e Cebolinha, personagem de Mauricio de Souza, completou 50 anos, chegaram Joana Mrozowiski Croisfelt, filha de Andrei e Larissa em 18 de junho, em São Paulo; Ryan Fernandes Croisfelt, filho de Carolina e Ralph, em 28 de agosto, em Toronto (Canadá); e a décima-segunda, Olívia Bueno GodoY de Toledo Croisfelts, filha de Henrique e Daniela, em 19 de setembro de 2010, em Ribeirão Preto.

A décima terceira foi Teresa Croisfelt Botosso, filha de Bianca e Beto, em 25 de outubro de 2011, em São Paulo. Em 2012 morreram o arquiteto Oscar Niemeyer, o humorista Chico Anísio e apresentadora Hebe Camargo. Para a satisfação dos Croisfelt vieram ao mundo dois bisnetos: Manuela Croisfelts Moura, filha de Ana Helena e Márcio, em 27 de fevereiro, em Ribeirão; e Gael Croisfet Ribeiro, filho de Juliana e Yuri, em 21 de setembro, em Campinas. O décimo sexto, Lorenzo Croisfelt Oliveira Couto, filho de Clarissa e Ricardo, nasceu em 7 de janeiro de 2013, em São Paulo, ano em que o cardeal argentino Jorge Mário Begoglio tornou-se o Papa Francisco.

A décima sétima foi Maria Clara Croisfelt Mansur, filha de Danielle e Jivago Mansur, em 3 de janeiro de 2015, em Ribeirão, ano do falecimento de Tomie Ohtake, a artista plástica que reformou a cúpula do Teatro Pedro II. Nicolas Croisfelts Moura, filho de Ana Helena e Márcio, em 13 de junho de 2018, em Ribeirão, ano da eleição do presidente Jair Bolsonaro.

A décima nona foi Lorena Mrozowski Croisfelt, filha de Andrei e Larissa, em 4 de abril de 2019, em São Paulo, ano marcado pelo rompimento da barragem de Brumadinho (MG) com 308 mortos. O vigésimo foi Vicente Croisfelt Botosso, filho de Bianca e Beto, em 25 de fevereiro de 2021, em São Paulo, ano da posse da vereadora Noemi Croisfelt, 46 anos (Podemos) na Câmara Municipal de Farol (PR). Noemi é bisneta de Martim Croisfelt, irmão de Pedro

Alemão. Em 22 de agosto nasce Cecília Croisfelt Paiva Arantes, filha de Samuel Paiva Arantes e Fernanda Grotto Croisfelt. .

Os netos, pais dessa geração, formaram suas famílias, cada um a seu modo. Uns decidiram morar juntos e só mais tarde oficializaram a relação. Outros acharam suficiente um contrato de união estável. Teve quem se casou apenas no civil. E quem seguiu o modelo tradicional - civil e igreja. Nathalie e Fabien sonhavam com o pacote completo mas a pandemia impediu.

Nathalie, em 2017, era gerente de Mordomia (setor que dedica cuidados especiais aos hóspedes) do refinado Hotel Emiliano, em São Paulo. Costumava, no final do ano, participar do famoso frango com quiabo na casa do empresário Carlos Alberto Filgueras Fernandes. Em janeiro daquele ano, o monomotor que levava Carlos Alberto, o ministro do STF Teori Zavascki e duas passageiras, sob chuva intensa, caiu no mar perto de Parati, seu destino final. Todos morreram. O Hotel Emiliano perdeu seu comandante.

2020, união de Nathalie e Fabien Fontaine.

2020, Joaquim, Olívia, filhos de Henrique e Daniela

2020, Pedro, Manuela, Joana, Lorena , filhos de Andrei e Larissa

2021, Sofia, Tereza, Betinho e Vicentinho, filhos de Bianca e Beto

2021, Gael, filho de Juliana e Yuri

2020, Manuela, Nicolas, filhos de Aninha e Márcio

2021, Vinícius, Vitor, filhos de Lucas e Ana

2020, Maria Clara, com os pais Danielle e Jivago

2020, Matheus e Lara, filhos de Karine e Márcio

2020, Lorenzo, filho de Clarissa e Ricardo

2020, Ryan, filho de Carolina e Ralph.

2021, Cecilia, filha de Fernanda e Samuel.

TRUCO, PEDAL, PESCARIA E CERVEJA

Os filhos aprenderam com o pai a gostar de pescaria, apreciar uma cerveja e jogar truco. Reuniam-se na beira de rios ou lagoas sempre que podiam. Em Franca, as fisgadas eram na região de Furnas, na parte represada do rio Grande. Mesmo morando em Ribeirão, não abandonaram águas mineiras. Alcindo, Gildo, o cunhado Homero, os filhos Luiz, Vicente, Cesar e Doni eram parceiros constantes.

Nas pescarias mais distantes, como no Mato Grosso, onde passavam dias, jogava-se muito truco. E as duplas ganhavam entrosamento, aprimorando a troca de sinais, fundamental no jogo. Alcindo e Vicente chegaram a participar de um torneio estadual. Competição difícil, com adversários tinhosos, verdadeiros "ladrões" de tentos, pai e filho chegaram em terceiro lugar (medalha de bronze), colocação considerada surpreendente. Foi a grande façanha da dupla, que em breve, daria um grande vexame.

Em 1997, Alcindo, Vicente, Cesar e Doni foram bater anzóis no rio Grande, região de Colômbia. Lá, entre cervejas, goles de cachaça e peixe frito, tiveram a ideia de promover um desafio. Os quase imbatíveis Vicente e Alcindo enfrentariam Doni e Cesar, bons jogadores mas com poucas chances de vitória. Afinal, quem conquistou o terceiro lugar em torneio de "cobras" criadas, não poderia temer um mero duelo caseiro. A disputa ganhou contornos de grande rivalidade com uma provocação de Vicente. Alavancado pela eficiência de seus feitos, garantiu que se perdesse mudaria de nome. E tome cerveja, cachacinha e beliscos.

No meio da tarde de um dia abrasado, começaram a dar cartas. Depois de uma renhida série de três partidas, com perdigoto

voando alto e a baba que escorria pelo cantos da boca enxugada na toalha da mesa, truco prá cá, seis prá lá, nove ladrão! Alcindo e Vicente perderam. E conforme o combinado, os ganhadores exigiram que o irmão honrasse a aposta. Pediram à garçonete da pousada que escolhesse um nome de acordo com a cara do derrotado. Moça simples, ela olhou, pensou, olhou de novo e escolheu Eusébio. Até as árvores e os peixes caíram na gargalhada. E Eusébio, até o final da pescaria, sofreu os efeitos das armadilhas do truco.

VICENTE NO TCU E NO MADEIRA

Em 2004, ano em que foi criada a rede social Facebook e das mortes do cantor Ray Charles e do ator Marlon Brando, o bancário aposentado Vicente Paulo Croisfelt, aprovado em concurso nacional, ingressou no Tribunal de Contas da União (TCU) e escolheu Porto Velho (Rondônia) para trabalhar, morar e pescar. O Madeira tornou-se seu universo. Agora, as pescarias seriam lá. Nos doze anos em que trabalhou no TCU, Vicente revezou a praia com o Madeira. Foram oito em Maceió e quatro em Porto Velho.

O Madeira nasce nos andes bolivianos, com o nome de Beni. Tem 3.240 quilômetros de extensão, percorre quase todo Estado de Rondônia, banha Porto Velho e deságua no rio Amazonas a oeste da Ilha Tupinambarana, um grande alagado. Vicente, mais assiduamente, o filho Andrei, amigos e, muitas vezes Doni, percorreram seus afluentes, conhecendo cenários fantásticos. As longas viagens aéreas valiam a pena. Navegavam dez, quinze horas de barco para chegar em um lugarejo de nome Calama, ainda em Rondônia. Neste lugar não se conseguia sintonizar nem estação de rádio, tamanha a densidade da floresta. No São Benedito e no Marmelos pescaram tucunarés graúdos e jatuaranas, peixes de escama e de couro. Navegaram em afluentes do Amazonas, como o Trombetas e o Negro. O apego de Vicente

por aquele lugar era tão desmesurado, que numa pescaria, pediu ao filho, em tom de confidência, para espalhar suas cinzas no Madeira.

UM BANDO DE LOUCOS POR TI, CORINTHIANS!

Alcindo tornou-se corintiano ainda menino e tratou de preservar a tradição em casa. Influenciou filhos, netos e bisnetos. Somente Luiz não honrou a tradição, tornando-se santista por rebeldia, dizem. Vicente, o maior corintiano entre todos, trabalhou para perpetuar o nome do clube entre os Croisfelt, presenteando meninos e meninas, indiscriminadamente, com uniformes preto e branco. E para os sobrinhos dormirem, ao invés de música de ninar, cantava o hino do Timão. Mesmo assim foi impossível conter a onda divisionista. Por influência dos agregados, surgiram palmeirenses, sãopaulinos e santistas. Mas, para felicidade do patriarca, felizmente, a base majoritária é do time do povo.

Vicente esteve no Japão com Andrei e alguns amigos. Viram o Corinthians ganhar a decisão do Campeonato Mundial de Clubes, em Yokohama, em 2012, na vitória sobre o inglês Chelsea por 1 a 0 e festejou a conquista do bicampeonato. Doni, convidado para a grande e dispendiosa aventura, preferiu ver o jogo pela televisão. Arrependeu-se. Tivesse ido, teria sido mais um no "bando de loucos" que invadiu Tóquio (cerca de vinte mil torcedores) e deixou o mundo espantado no dia 16 de dezembro, com a manifestação de amor ao time.

PEDALANDO E BRINCANDO COM SUZI ...

A praia da família, além da pesca, do truco e do futebol, inclui pedal. Capaz de cobrir longas distâncias (seu recorde é 76 quilômetros) Doni pedala, no mínimo, uma vez por semana com um grupo de amigos. O primeiro a curtir o esporte foi o irmão mais velho, Nilton. Tinha habilidade e fazia malabarismos de chamar

atenção. Empinar a bicicleta nas ladeiras de Franca era a mais arriscada das "firulas". Desistiu cedo, ocupado com escola e trabalho.

O apreço de Doni por bicicletas vem de longe. Em 1969, ano em que o belga Eddy Merch, o Pelé do ciclismo, venceu o Tour de France, Luiz Antônio chegou em casa, na Vila Formosa, em São Paulo, com vários pacotes. Trazia presentes para os três irmãos menores. Deu uma boneca Suzi para Célia, um relógio para Regina e uma bicicleta para o caçulinha.

A Suzi tinha sido lançada pela indústria de brinquedos Estrela em 1966 e entusiasmava meninas de todas as idades. O relógio Mirvaine enfeitou o braço de Regina por bom tempo e a bicicleta causou impacto enorme na vida de Doni, com seis anos. Gostou tanto que jamais deixou de pedalar. Sua genética ajuda. As pernas compridas permitem selim alto, em posição confortável, facilitando os movimentos. Regina e Célia tentaram muitas vezes andar na bike do irmão, mas as perninhas curtas não ajudaram.

1976, Alcindo, Gildo e Homero no Pantanal

Vicente, Doni, Andrei e amigos no Amazonas em agosto de 2015

2012, Andrei e Vicente, bem agasalhados, em Yokohama

Vicente vê o Corinthians no Mundial de Clubes

2021, Doni e os amigos no Horto Florestal de Batatais.

A DOR DAS DESPEDIDAS. MORREM ALCINDO, MARLI, APARECIDA ...

A vida é feita de começo, meio e fim. As perdas, entretanto, não obedecem a ordem do tempo, podem chegar a qualquer momento, levando pedaços dos que ficam. Em 2010, foram duas. O patriarca Alcindo, aos 85 anos, nos deixou em 22 de março, após resistir 17 anos às consequências extremas do Mal de Alzheimer. No dia cinco de maio, perdemos Marli, tão cedo, aos 59 anos. Assistente Social, delicada, mãe extremada, amiga da ex-prefeita de São Paulo e deputada federal Luiza Erundina (PSOL).

Em 2014, no dia 13 agosto, nosso coração voltou a chorar, com o passamento de nossa matriarca. Dona Cida foi para o Plano Espiritual aos 89 anos. Subiu ao céu na companhia de Roberto Gomes Bolanos (1929 - 2014) o Chaves, ator mexicano que durante décadas encantou crianças, como seus netos, e adultos brasileiros.

Cortejo leva as cinzas de Vicente deixadas num afluente do Madeira

Em 29 de março de 2016, nos despedimos do irmão Vicente, com 62 anos. Apaziguador, priorizava sempre a união da família. A despedida de Vicente, no crematório da Vila Alpina, em São Paulo, foi ao som de Danúbio Azul de Strauss e do hino do Corinthians. Suas cinzas, levadas pelos familiares, foram espalhadas no rio Madeira, perto de Porto Velho. Andrei preparou a cerimônia ecumênica. O irmão Doni e companheiros de sempre participaram. Juntou-se a eles um enorme cortejo de barcos, pilotados por amigos e conhecidos que Vicente granjeou por aquelas paragens.

Mal refeitos das partidas de dona Cida e Vicente, tivemos de lidar com a passagem do irmão Cesar, nosso conselheiro. Foi tudo muito rápido. Descobriu-se doente em maio e faleceu em 13 de agosto de 2017, aos 61 anos. Sua morte foi exatamente três anos depois de dona Cida.

Mais uma despedida. No dia primeiro de maio de 2021, o primogênito Nilton, com 72 anos, o professor "Pardal" da família, pela criatividade e habilidade em mecânica, sua área de trabalho. Gostava de cozinhar. Foi encontrado sem vida em casa. O vazio que já era grande, agora ficou enorme.

CLARISSA É O NOSSO OLHAR!

A família, graças a Deus, tem uma escritora talentosa. Com dez anos, em 1993, Clarissa Sanches Croisfelt escreveu "Minhas Poesias". Com 13, encantou com "Um Toque de Magia". Tem um texto impecável. Costumamos chamá-la de Clarissa Lispector. Também canta, toca violão e piano. E nos enche de orgulho, por sua versatilidade. Vicente e Marli sempre incentivaram a superar obstáculos, a ser independente. E como superou! Em 2001, entrou na Faculdade de Letras da USP. Em 2009, aprovada em concurso público, foi admitida no Tribunal Regional do Trabalho (TRT), em São Paulo. Clarissa descreve com precisão os sentimentos dos Croisfelt diante de uma perda. O texto que segue, de 2017, é sobre a partida dos pais.

DEPOIS QUE ELES SE VÃO....

"Depois que eles se vão, boa parte da nossa alegria vai junto. Ela se retira, inversamente proporcional à consciência inexorável da irreversibilidade, que chega de mansinho, que nem goteira, fazendo estrago lento, constante e profundo, pingando sempre num mesmo lugar, ou atinge em cheio, feito enxurrada, arrastando e destruindo tudo por onde passa.

Depois que eles se vão, a gente se consome em rebelião, ou se consola em religião, e essas duas atitudes influem de maneiras radicalmente distintas na experiência. Mas nada - absolutamente nada - que se faça traz de volta a barriga doendo de rir até chorar junto com ela, ou explodindo de comer o macarrão dele (nunca se esquecendo de que é um verdadeiro ultraje não se lembrar de elogiar a cada mastigada).

Nada devolve a segurança e a certeza de ter para onde voltar se tudo mais der errado.

Então, talvez você descubra um monte de coisa: o número estratosférico de fatos sobre eles, e sobre si mesmo, que não sabe, e que nunca vai saber. Pode ser, também, que, por descobrir como é esmagador o peso do definitivo, você comece a aprender a ser mais complacente com as escolhas transitórias (certas ou erradas, suas ou de outros), ou a exigir menos respostas decisivas. E, sobretudo, é bem possível que você descubra que o que gostaria mesmo era de mandar todas essas descobertas pra p...
Depois que eles se vão, não importa quantas pessoas realmente incríveis estejam a seu lado, talvez, você não consiga evitar a persistente e desoladora sensação de estar sozinho no mundo.

E essa solidão, tão irreversível quanto o fato que a gerou, impregna suas roupas, seus poros, suas frases, seus silêncios, contaminando todos os seus gestos, dos mais rotineiros aos mais imprevistos. Se infiltra nas suas conquistas e comemorações, torna maiores as suas derrotas, agudiza seus desamparos.

Aí, um belo dia, que demora muito mais do que a gente gostaria, a gente percebe - num jeito de rir, no gosto daquele ceviche (que, obviamente, não era tão bom quanto o dele, mas que levou você às lágrimas), na forma como o seu filho, tendo uma mãe tão antissocial, se enrosca e conversa em cada loja e se sacode com cada música, do jeitinho que ela fazia -, que alguma coisa permanece. Algo intangível, disforme e quebradiço, mas, ainda assim, algo.

E, então, algum equilíbrio, sutil e precário - preciso dizer -, se esboça, e já não dói tanto o cheiro do perfume certo na pessoa errada, a longevidade dos parentes alheios, os abraços por dar, ou receber.

Pelo menos, não sempre."

SOBREVIVER ...

1989, Alcindo e Aparecida na colação de grau da filha Célia

Sobrevivendo às perdas, assim é a vida! Temos muito o que agradecer. Somos uma família com muitos dons, um deles, mais que especial, é o de cuidar de pessoas. Temos a Célia, formada em Enfermagem. Desde pequena gostava de fazer curativos de brincadeira. E seguiu nessa área. Fez vários cursos, dedicou-se à profissão. Trabalhou em grandes hospitais e comandou uma UPA em Natal (RN), em plena pandemia do Coronavirus.

Henrique Croisfelts e sua mulher Daniela Godoy são psicólogos. Temos uma jovem médica (Claudia Grotto Croisfelt), formada em 2019. Somos torneiros mecânicos (Nilton e Luiz), engenheiro agrônomo (Paulo), advogadas (Danielle e Fernanda), pedagoga (Claudete, Carolina, Karine), professora de arte-cênica (Bianca), economistas (Vicente e Isabella), contadores (Cesar e Doni), as-

sistentes sociais (Marli e Juliana) , publicitários (Andrei, Larissa e Carolina), jornalista (Sidinei), hoteleira (Nathalie), Administrador de Empresa (Aninha), empreendedores (Anna, Osmar e Lucas), escritora e formada em Letras (Clarissa). E continuaremos trilhando o bom caminho, seguindo sempre o legado de Jesus.

São pedaços, nacos de lembranças e memórias colocados em relato simples e singelo da história dessa grande família de imigrantes alemães e italianos que chegaram ao Brasil em busca de um melhor porvir. Com denodo e dedicação nos legaram ensinamentos, com suas virtudes e tropeços, para nos tornar o que somos hoje.

Não deve ter sido fácil embarcar em veleiros, vapores frágeis e insalubres, singrar o desconhecido, as vezes sob tempestade, abrindo mão do que se tinha construído, passar por dificuldades, adaptar-se à língua, ao clima, costumes e lidar com hostilidades. Muitos sentiram saudades da sua terra, de sua gente, talvez quisessem voltar, mas não foi possível.

A II Guerra Mundial, com a derrota do Eixo (Alemanha, Itália e Japão), trouxe aborrecimentos e algumas represálias. Mas tudo superado. Nos Cartórios de então, perpetraram-se mudanças eternas nos nossos nomes e sobrenomes. Henrich Mathias Gerhardt Kreuztfeldt virou simplesmente Henrique Croisfelt; Peter Kreuztfeldt tornou-se Pedro Croisfelt; Geovani Luigi Bettiato passou a chamar Luiz Bettiati; e Vericondo Ganzarolli, na imigração, trocou o nome por Achiles, mais atraente.

E os Kreuztfeldt passaram a ser Croisfet, Croisfelts e Croisfelt ... Kroistsfeld ... Croys Felthes.. Crozfelt ... Campos (filho de Alcindo Campos, primo de Alcindo Croisfelt).

E agora, somos muitos.....

Kreuzfeldt, Delfs, Schultz, Appel, Bettiato, Dengo, Gaiotto, Doima, Ganzarolli, Guerrini, Bego, Antonini. A miscelânea se deu aqui. Com a bêncão e a graça de Deus. E a eles juntaram-se tantas outras famílias: os Faccioli, Marangoni, Stefani, Signolfi, Bernardes, Oliveira, Ferreira, Scalabrini, Gonçalves, Toledo Leme, San-

ches, Marcolino, Cunha, Parreira, Grotto, Santos, Quartier, Godoy, Mrozowski, Busa, Zizza, Faria, Mansur, Moura, Fernandes, Botosso, Ribeiro, Paiva Arantes, Oliveira Couto, Fontaine e os que hão de chegar. Creio que podemos nos orgulhar do que fomos, do que somos e do que podemos ser.

Roberto Dilly, historiador e membro do Instituto Teuto Brasileiro William Dilly

Rita Couto, pesquisadora e autora de "São Pedro, o coração da Colônia Alemã de Juiz de Fora"

José Luiz Stehling, pesquisador e autor de "A Companhia União e Indústria e os Alemães"

Arquivo Histórico do Museu Mariano Procópio, Juiz de Fora (MG)

"Plataforma Verri, História de Ribeirão Preto", Octávio Verri Filho

Maria Odete Damasceno (in memorian) a expert em histórias da família

Os irmãos José Nilton e Luiz Antônio, lembranças mais antigas, Célia e Doni, mais recentes.

As cunhadas Anna, Cláudia, Sônia e Valéria, memórias e fotos

Aos sobrinhos, especialmente Clarissa, pelo texto; e Andrei, autor da capa

Aos tio Messias, Cilica, os primos Valdecir, Nadir, Eleuza, Nice, Margarete, Ademir, Nilva, Heloisa .

Nilza Limonta (SP)

Terezinha Kreuzfeltd, Juiz de Fora

Arquimedes Cheffer, família Kreuzteldt, Alemanha

Padre Pitico, Seminário de Brodoswki (SP)

Luis Eduardo Saran Filho, Casa Branca (SP)

Cláudio, Sandra, Cleo Faccioli, Sertãzinho (SP)

Adilson Bettiati, Apucarana (PR)

Valter, Neusa, e André Bettiati, Maringá (PR)

(E a Deus, Jesus e aos Espíritos Altíssimos que fizeram luz sobre nós)